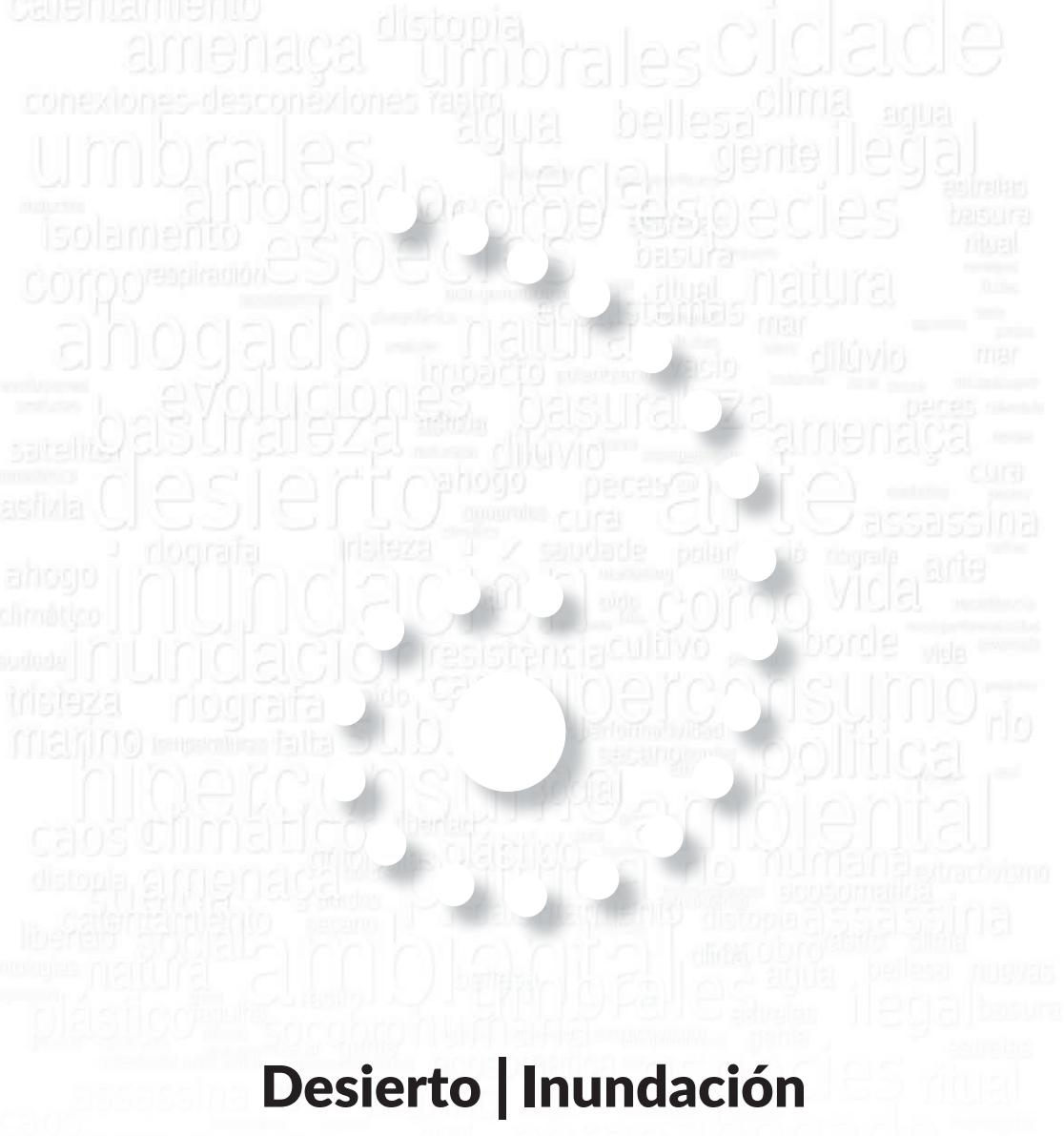


Desierto | Inundación

José Prieto
Fabiane Santos
Cleomar Rocha
Lilian Amaral

2024
Cegraf UFG



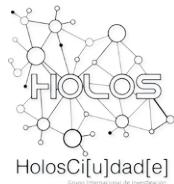
Desierto | Inundación

José Prieto / Fabiane Santos / Cleomar Rocha / Lilian Amaral

2024

COMO CITAR ESTE TRABALHO / CÓMO CITAR ESTA OBRA

Prieto, J., Santos, F., Rocha, C. y Amaral, L. (Ed. 2024). Desierto/Inundación.
Universidade Federal de Goiás (Brasil) / Universidad de Zaragoza (España).
Doi: <https://doi.org/10.26754/uz.978-85-495-1044-0>



Observatorio Aragonés
de Arte en la Esfera Pública

Grupo OAAEP, financiado por el Gobierno de Aragón con fondos FEDER



Cofinanciado por
la Unión Europea



Programa Fondo Europeo de Desarrollo Regional Aragón 2021-2027
Construyendo Europa desde Aragón

ARXIU
VIU



Lab_arT
Universidad Zaragoza



Vicerrectorado para
el Campus de Teruel
Universidad Zaragoza



Unidad predepartamental
de Bellas Artes
Universidad Zaragoza



© 2024 José Prieto / Fabiane Santos / Cleomar Rocha / Lilian Amaral
© 2024 Cegraf UFG

EDITAR / EDITA

Universidade Federal de Goiás / Media Lab (Brasil)

COLABORAR / COLABORA

Observatorio Aragonés del Arte en la Esfera Pública (OAAEP).
Universidad de Zaragoza (España)

DIREÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL / DIRECCIÓN EDITORIAL Y COORDINACIÓN

José Prieto / Fabiane Santos / Cleomar Rocha / Lilian Amaral

© DOS TEXTOS SEUS AUTORES / DE LOS TEXTOS SUS AUTORES

Lilian do Amaral Nunes (Lilian Amaral) / Marcos Umpiérrez /
FaBiane Santos (Bia Santos) / Liliana Fracasso / Marina Buj /
Ricardo Dal Farra / Matheus Montanari / José Prieto Martín /
Vega Ruiz Capellán / Cleomar Rocha / Francisco Javier Galán /
Emilio Martínez / Josep Cerdá / Laurita Salles

© DAS IMAGENS DE SEUS AUTORES / DE LAS IMÁGENES SUS AUTORES

José Prieto Martín / FaBiane Santos (Bia Santos) / Marcos Umpiérrez
Liliana Fracasso / Marina Buj / Matheus Montanari

PROJETO E LAYOUT / DISEÑO Y MAQUETACIÓN: JoaquinJPG

ISBN ONLINE: 978-85-495-1044-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Desierto / Inundación [livro eletrônico] /
dirección editorial y coordinación José
Prieto...[et al.] ; edita Universidade Federal
de Goiás - Media Lab (Brasil) ; colabora
Universidad de Zaragoza (España). -- 2. ed. --
Goiânia, GO : Cegraf UFG, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-495-1044-0

1. Artes 2. Arte contemporânea 3. Investigações
4. Pesquisas 5. Poética I. Prieto, José. II. Santos,
Bia. III. Rocha, Cleomar. IV. Amaral, Lilian.
V. Universidade Federal de Goiás - Media Lab.
VI. Universidad de Zaragoza.

24-246297

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes 700

APRESENTAÇÃO / PRESENTACIÓN

PR ⁰¹ . A pesquisa na UFG. Helena Carasek Cascudo.....	7
PR ⁰² . Rosa Bolea Bailo.....	9
PR ⁰³ . Jesús Pedro Lorente Lorente.....	11
PR ⁰⁴ . Holosci[u]dad[e]: poéticas em trânsito. Cleomar Rocha.....	13

TIMELINE	17
----------------	----

DESIERTO/INUNDACIÓN MAPEAMENTOS ARTÍSTICOS, INTERATIVIDADE E EXPERIMENTAÇÃO EM ARTE TECNOLÓGICA..... 27

Lilian do Amaral Nunes (Lilian Amaral)

HOLOSCI(U)DAD(E): ORGANISMO EM MUTAÇÃO. ECOSISTEMAS TRANSVERSAIS E CONECTIVIDADE EM RÉDE IBERO-AMERICANA 31

Lilian Amaral
Laurita Salles
Cleomar Rocha
Fabiane Santos (Bia Santos)
Emilio Martínez
Josep Cerdá

DESIERTO/INUNDACIÓN: PAISAGENS EXTREMAS..... 49

Lilian Amaral
Marcos Umpiérrez
Bia Santos
Liliana Fracasso
Marina Buj
Ricardo Dal Farra
Matheus Montanari
José Prieto Martín
Vega Ruiz Capellán

DESIERTO/INUNDACIÓN: UN GRITO AMARGO DE GAIA..... 63

José Prieto Martín
Vega Ruiz Capellán
Bia Santos
Lilian Amaral

DESIERTO/INUNDACIÓN: CRISIS CLIMÁTICA, ACCIONES ARTIVISTAS Y ENTORNOS DIGITALES 77

Liliana Fracasso
Lilian Amaral
Bia Santos

ARTE Y ACTIVISMO EN LA ERA DEL CAMBIO CLIMÁTICO. REFLEXIONES DESDE TERUEL SOBRE LA CRISIS AMBIENTAL 95

Francisco Javier Galán

A pesquisa na UFG

O Brasil tem se posicionado fortemente na pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, em um esforço mundial e civilizatório para o progresso da ciência. A profícua produção brasileira repercute internacionalmente, criando iniciativas internacionais de grande envergadura e contribuição. O país entrega, ainda, um grande número de pesquisadores, entre mestres e doutores, que atuam em diversos países, contribuindo significativamente não apenas em território nacional, mas formando cérebros que atuam em diversos países e áreas de conhecimento.

Em Goiás, o protagonismo neste campo é, sem dúvida, da Universidade Federal de Goiás - UFG, maior instituição Científica e de Inovação Tecnológica do estado. Os números da UFG não deixam dúvidas sobre seu impacto social, seja no desenvolvimento da pesquisa seja na formação de novos pesquisadores altamente qualificados. Atualmente são cerca de 30 mil estudantes de graduação e de pós-graduação e mais de cem cursos de mestrado e doutorado em todas as áreas de conhecimento, que contam com grandes laboratórios de pesquisa em número superior a 200. Assim, apesar de ser uma instituição muito jovem, com pouco mais de 60 anos, a Universidade já se posiciona bem nos rankings internacionais graças aos elevados níveis de publicações e citações em periódicos internacionais e de prestígio científico. Ademais, na sua equipe de pesquisadores encontram-se alguns dos cientistas mais influentes do mundo.

São mais de 300 grupos de pesquisa consolidados na UFG, com forte atuação nos cenários nacional e internacional. As pesquisas desenvolvidas, nos diversos campos de conhecimento, refletem o compromisso institucional com o desenvolvimento regional, abrangendo e impactando o cenário nacional, com articulações internacionais.

O Media Lab / UFG, um de nossos grupos de pesquisa, coordena a rede Media Lab / Brasil, composta por nove laboratórios situados em várias regiões

do país, impactando a pesquisa sobre inovação em mídias interativas, principalmente nos campos da comunicação e da cultura. Sua perspectiva interdisciplinar molda projetos desenvolvidos por equipes multidisciplinares, articulando saberes e inovando na formação de cientistas com visão holística, atentos ao *Zeitgeist* contemporâneo.

Esta produção exemplifica a abrangência de nossa instituição e pesquisas, socializando conhecimentos produzidos em articulações internacionais e interdisciplinares. Ao apresentar este livro, o fazemos na convicção de que o trabalho coletivo é o “diapasão” da ciência contemporânea, que não se limita geopoliticamente, antes reverbera os sons de mentes que, juntas, fazem a diferença em seus campos de conhecimento.

Entre desertos e inundações, saudamos iniciativas que, como esta, valorizam biomas, criatividade e elaborações conjuntas, no pleno exercício do fazer científico e cultural. Desejamos uma ótima leitura.

Esta producción ejemplifica los alcances de nuestra institución e investigación, socializando el conocimiento producido en articulaciones internacionales e interdisciplinarias. Al presentar este libro, lo hacemos con la convicción de que el trabajo colectivo es el “diapasón” de la ciencia contemporánea, que no se limita geopolíticamente, sino que hace reverberar los sonidos de mentes que, juntas, marcan la diferencia en sus campos de conocimiento.

Entre desiertos e inundaciones, saludamos iniciativas que, como ésta, valoren los biomas, la creatividad y las creaciones conjuntas, en pleno ejercicio de la actividad científica y cultural. Esperamos que tengas una buena lectura

Dra. Helena Carasek Cascudo
Pró-Reitora de Pesquisa e Inovação
Universidade Federal de Goiás

Desde el Vicerrectorado de Política científica es una gran satisfacción el respaldar proyectos como la obra que aquí tenemos, DESIERTO/INUNDACIÓN, iniciativas que ponen en contacto a investigadores e investigadoras de distintas disciplinas, países y universidades

Esta obra aborda una producción artística en red, un trabajo cuya línea argumental reflexiona sobre el acelerado cambio climático a nivel mundial, enfocándose en los paisajes afectados en diferentes lugares del planeta, por la ausencia (desierto) o el exceso (inundación) de agua. Esta iniciativa es liderada por el Grupo Internacional e Interinstitucional de Co-investigación y Co-creación en Arte, Ciencia y Tecnología en Red, conocido como HolosCi[u]dad[e], plataforma creada para fomentar el intercambio de experiencias y el desarrollo de proyectos colaborativos, que han dado como resultado varias obras colectivas, que reflejan la colaboración y la utilidad de las redes y el ciberespacio.

HolosCi[u]dad[e] está integrado por investigadores e investigadoras del Observatorio Aragonés del Arte en la Esfera Pública (OAAEP) del Campus de Teruel de la Universidad de Zaragoza, de otras universidades españolas y de Brasil, Uruguay, Colombia, Canadá e Italia. Inició su andadura en 2018 durante el Simposio Internacional sobre Innovación en Medios Interactivos, SIIMI, organizado por Media Lab/Brasil.

Desde entonces, ha desarrollado diferentes obras mediante tecnología digital en las dimensiones del ciberespacio, con una identidad transdisciplinaria y transnacional para explorar nuevas formas de creación artística.

DESIERTO/INUNDACION, creado en 2023, dio lugar a un entorno virtual e interactivo diseñado y construido tecnológicamente para la relación entre usuarios. Este espacio virtual es un mundo de apropiación a través de la virtualización y de recreación de realidades mediante modelos, un dispositivo experiencial desarrollado para el metaverso y otros entornos digitales,

invitando a las personas interactoras/usuarias a participar en experiencias inmersivas, explorando variadas perspectivas poéticas. Además, con el uso de inteligencia artificial generativa, se ha creado una obra abierta, mutante y en constante transformación.

He aquí, pues, ante ustedes, DESIERTO/INUNDACIÓN, proyecto y producto, una rica muestra de la transmisión de conocimiento a partir de distintas personas, talentos y disciplinas.

Rosa Bolea Bailo

*Vicerrectora de Política Científica
de la Universidad de Zaragoza*

He aquí una estupenda publicación, con interesantísimos textos y hermosas imágenes, que reúne contribuciones de artistas y teóricos muy involucrados con el territorio y la sostenibilidad. Este libro, resultado de co-investigaciones y co-creaciones en red internacional e interinstitucional en Arte, Ciencia y Tecnología, propuesto por el Grupo HolosCi(u)dad(e), entrelaza indisolublemente las tres líneas de investigación del Observatorio Aragonés de Arte en la Esfera Pública (OAAEP), grupo constituido por expertos en arte de la Edad Contemporánea que trabajamos sobre arte público, cultura audiovisual y estudios patrimoniales. Como en estas páginas se podrá comprobar, nos interesa un amplio concepto de arte público, más allá de las obras de arte accesibles en espacios comunitarios, pues también incluye las intervenciones procesuales en redes sociales e internet. Son esos los nuevos foros de la cultura audiovisual, que nos garantizan una proyección mundial, pues si bien nuestro equipo interdisciplinar tiene su sede en Aragón (España), la esfera pública objeto de nuestro estudio es eminentemente internacional. Desde esta perspectiva situada, estudiamos la producción, educación y difusión del patrimonio artístico, considerando su estima social con mirada actual, para (re)pensar su historia y su futuro. Pero, por supuesto, no hacemos nada de eso en solitario, sino en permanente colaboración con colegas de otros lugares y de diversos ámbitos profesionales. Damos las gracias a la Universidade Federal de Goiás y su Media Lab por acoger este libro entre sus prestigiosas publicaciones: ojalá que, siguiendo el precedente de nuestros recientes acuerdos de coedición firmados en Colombia, pronto podamos corresponder a esta edición en Brasil con otra publicación similar editada en España.

Jesús Pedro Lorente Lorente

Investigador Principal del Observatorio Aragonés del Arte en la Esfera Pública (OAAEP) de la Universidad de Zaragoza

Holosci[u]dad[e]: poéticas em trânsito

A despeito do prefixo grego holos reivindicar um sentido de completude, de inteiro, há também, no termo, um sentido de conjunto que se assenta com perfeição à proposta que a plataforma iberoamericana de co-pesquisa em arte e tecnologia, encabeçado pela profa. Dra. Lilian Amaral, se propõe e realiza. Ao fazê-lo, traz consigo a articulação de uma poética em trânsito, como fluxo, que oxigena o conjunto, sem necessariamente se fixar em um ponto ou outro. A ciudad, cidade, reafirma o conjunto de pessoas, a(r)ativistas de uma poética colaborativa, fortalecida justamente pelo trânsito de ideias, de sensibilidades, que opera nos objetos e ações estéticas originadas nesses encontros.

Surgido na órbita do Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas, SIIMI, organizado pelo Media Lab / Brasil, a plataforma reuniu, inicialmente, artistas latinoamericanos e espanhóis, como etapa de preparação do Simpósio, adquirindo asas próprias desde o final da primeira edição, tamanha a envergadura que alcançou. Com identidade transdisciplinar e transnacional, o grupo se organizou para trocar experiências e propor projetos que desembocaram em obras coletivas, com a potência de continuidade que somente um grupo maduro e competente alcançaria desde o início.

Para aquém e além dos objetos e ações estéticas, corporificados em experiências multissensoriais de multilinguagem que envolvem textos, sons e imagens, a plataforma coloca em relevo um plano de sensibilidades transnacionais que reflete justamente a colaboração. Reunidos em um ciberespaço tipicamente original –como apontou Gibson quando definiu o ciberespaço como uma alucinação consensual–, a plataforma faz circular por nuvens, peles e neurônios uma gama de possibilidades, devires que se instalam amalgamadas no cotidiano de países tão distantes e distintos quanto Brasil, Uruguai, Colômbia, Espanha, Itália e China.

A perspectiva desses fazedores (investigadores-criadores/artistas-pesquisadores, traço comum entre os envolvidos) ultrapassa as vozes, lugares e idiossincrasias individuais, reverberando projetos como o “Inlets”, um workshop e videoinstalação apresentada no Panorama do Laboluz, em Valência (UPV), Espanha, ou o OpenSpace, espaço de confrontos e encontros produtivos que o grupo organiza a cada edição do Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas, evento internacional organizado pela rede Media Lab / BR.

Em Paisajes Virales, de 2020, um trabalho interativo baseado na web, o grupo explorou possibilidades de cocriação sonoro-visual, a partir de registros sonoros coletados nas cidades e continentes onde os artistas pesquisadores residem. Tais percepções espaciais dialogam com o tema da pandemia do SARS-Covid 19, propondo vírus poéticos, quase que catárticos, como não poderia deixar de ser. Esse trabalho foi apresentado na Mostra Internacional de Arte Sonora HD19, em Medellín, Colômbia.

Desses contextos que inundam mentes criativas surge o projeto Desierto/Inundación, um trabalho colaborativo composto por 21 narrativas verbivoco-visuais, tendo como eixo o elemento água - cuja ausência gera o deserto e cuja abundância provoca inundações. Em um contexto de mudanças climáticas, o trabalho foi apresentado no XXII Festival Internacional de la Imagen, que teve por tema XENOPAISAJES, assim como na Universidade de Zaragoza, Espanha, que acolheu exposição, encontros e agora nos oferece a presente publicação.

Desierto/Inundación também resultou neste compilado de textos, que apresenta a verve das pessoas que operam a plataforma, desse grupo internacional de poéticas em trânsito que jamais se contentou com objetos e ações estéticas, sempre quis mais que isso, almeja processos co(e)laborativos, uma sensibilidade que se apoia em um tempo de redes, interatividade e coletividade, performando o Zeitgeist contemporâneo. Talvez essa característica reflita e faça refletir o incessante diálogo mantido pelo grupo, que se abre para novos olhares a partir de workshops abertos, porta de entrada para novas colaborações.

O conjunto de trabalhos aqui publicados apresenta o pulsar sensível individual de seus autores, ao tempo em que oferece ao leitor a possibilidade de entrever as ligaturas que constrói o grupo, a plataforma e sua produção. Mais que isso, desvela o processo de construção de sensibilidades que se encontram e entrelaçam, criando uma perspectiva de identidade singular, ao se pluralizar no coletivo. Desierto/Inundación metaforiza encontros e desencontros, ausências e presenças, mudanças e permanências, essas paisagens antagônicas que ocupam o mesmo planeta, esse planeta que gira azul no universo iluminado por bilhões de estrelas.

Desierto/Inundación representa, acima de tudo, a possibilidade do conjunto, da articulação, da convivência e de como as paisagens podem parecer completamente diferentes, tendo um único elemento que provoca

tais disparidades. A poética é a água que torna o mundo árido ou fluvial. Ambos imersivos, repletos de vidas e responsáveis por ecossistemas próprios, capazes de proliferar, cada um a seu modo, percepções e sensibilidades específicas, ecossistemas sensíveis.

Esta publicação é um escrutínio poético do tema, dos processos e motivações, elencados, desta vez, na forma de reflexão. Importa verificar como as impressões provocadas pelos trabalhos são constituídas enquanto estratégicas de produção de encanto. Como tais estratégias são forjadas pela e nas linguagens, conformando na matéria poética entregue aos interatores, fruidores. A reflexão contida nos textos aqui reunidos expressam exatamente isso: a construção da plasmação, o pensar poético que culmina em uma experiência sensível.

Se o deserto é um campo de possibilidades verbivocovisuais, inclusive de miragens, imagens mentais que revelam desejos, e não exatamente um campo estéril formado de ausências, ele é metáfora de paisagens específicas para o árido trabalho do artista, cuja sensibilidade se torna oásis. Sua multiplicação cria uma floresta inundada, buscando não exatamente a catástrofe que assola partes do mundo, mas o preenchimento natural que cria o pulsar da água em ecossistemas como as margens do Nilo, o ciclo do Pantanal ou do Amazonas. Esse pulsar, cíclico, que gera a vida e que suporta o planeta e o pensamento do artista.

Em desierto/inundación, esse pulsar é poético em ambas as dimensões.

Boa leitura.

Cleomar Rocha

*Professor do PPG Arte e Cultura Visual | FAV | UFG. Media Lab BR.
Coordenador MediaLab. Universidade Federal de Goiás (Brasil) BR/UFG.*

Timeline

01

OpenLab

Encuentros virtuales de 21 artistas/ investigadores/as, durante varios meses (primavera-verano de 2023) en este workshop internacional de co-creación de narrativas sonoro-visuales que utiliza la tecnología y la Inteligencia Artificial generativa, para crear una obra mutante y abierta sobre el cambio climático, mediante un proceso de construcción de paisajes poéticos XENOPAISAJES (en el espacio virtual) generando un trabajo co-elaborativo y participativo.



Talleres internacionales – OpenLab DESIERTO / INUNDACIÓN,
Sección online (primavera, verano 2023).

<https://www.youtube.com/watch?v=DQaUjCK0-So>

Fuente: Red HolosCi[u]dad[e]

02

Desierto/Inundación [metaverso (versión I)]

El día 29 de mayo de 2023 Lilian Amaral impartió la conferencia DESIERTO/INUNDACIÓN en la apertura del XXII Festival Internacional de la Imagen XENOPAISAJES celebrado en Manizales y Bogota (Colombia), mostrando el proyecto en su primera versión (metaverso).

desierto/inundación



Metaverso



03

Desierto/Inundación [interactivo (versión II)]

El 22 de septiembre de 2023, Lilian Amaral y Marcos Umpiérrez presentaron la versión II Desierto/Inundación, un interactivo performativo en el auditorio del Museu Nacional da República, en Brasilia (Brasil).



desierto/inundación



Interativo - open space

04

Desierto/Inundación (versión I, II e inventario)



El día 29 de septiembre de 2023 Bia Santos impartió la conferencia: "HOLOSCI[U]DAD[E] _ DESIERTO/INUNDACIÓN Proyecto artístico co-elaborativo de exploración multisensorial a través de los paisajes afectados por el acelerado cambio climático en diferentes lugares geográficos" en el Museo Provincial de Teruel (España) dentro del evento Noche Europea de los Investigadores/as. Actividad, organizada por la Unidad de Cultura Científica y de la Innovación (UCC+i) y la Oficina de Proyectos Europeas (OPE) del Vicerrectorado de Política Científica de la Universidad de Zaragoza, enmarcado dentro del proyecto: European Researchers' Night.



05

Desierto/Inundación (versión I, II e inventario)

Se mostró y expuso en un espacio físico del 14 de marzo al 12 de abril 2024 en la sala de exposiciones del edificio de Vicerrectorado Campus de Teruel de la Universidad de Zaragoza (España).

En su puesta en escena participaron: José Prieto, Vega Ruiz y Bia Santos.



06

Desierto/Inundación (versión I, II e inventario)

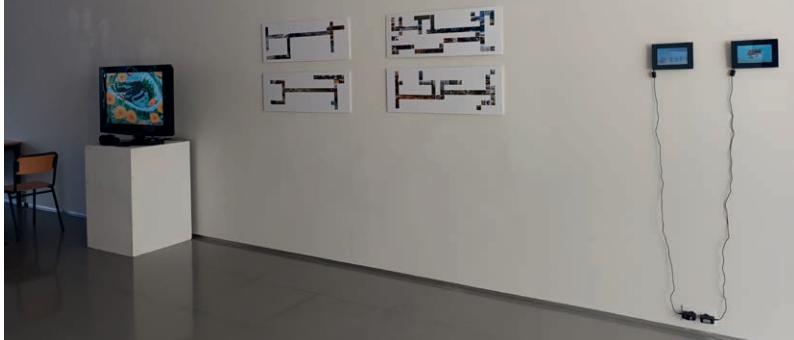
Del 2 al 23 de abril de 2024 se mapeo en Eco arte::Terra en Tránsito. Paisagens extremos en Sao Paulo (Brasil)



07

Desierto/Inundación (versión I, II e inventario)

Del 4 al 6 de julio de 2024 Bia Santos, Lilian Amaral y Liliana Fracaso impartieron la conferencia: “DESIERTO/INUNDACIÓN: crisis climática, acciones artivistas y entornos digitales”. Además, mostraron y explicaron la exposición en VI Congreso Internacional de Investigación en Artes Visuales ANIAV en Valencia (España).



08

Desierto/Inundación (versión I, II e inventario)

DESIERTO/INUNDACIÓN con la participación de Lilian Anmaral en Rotas/Rutas
Expoição e Simposio Internacional 11-12- noviembre en Santa María en Rio
Grande del Sur (Brasil)

ROTAS / RUTAS II

Expoição e Simpósio Internacional

Expoição Rotas / Rutas II

11 a 22 de novembro de 2024

Curadoria: Cláudia Zanatta, Raquel
Mercado, Rosa Blanca

Simpósio Rotas/Rutas II

12 nov 2024 | 09h-12h e 14h-18h

13 nov 2024 | 09h-12h e 14h-18h

Local: CCSH/UFSM Prédio 74E - Miniauditório do SIPEH

Rotas/Rutas II – Expoição e Simpósio Internacional



09

Desierto/Inundación (inventario)

José Prieto, Vega Ruiz y Bia Santos donaron tres fotografías (imágenes generadas por Inteligencia Artificial) de DESIERTO/INUNDACIÓN, para participar en la exposición (de pequeños formatos) DANArt. Solidaridad con Valencia. Los días 20 y 21 de noviembre en la Sala de Exposiciones de la Escuela de Arte de Teruel (España).



Cartel creado por Silvia Hernández

SUMÁRIO

25

10

Desierto/Inundación (versión I, II e inventario)

Exposición programada: Fundació La Posta del 21 de marzo al 12 de abril de 2025. Debido a que el proyecto recibió una mención de la Fundació LA POSTA de Valencia (España), al participar en la convocatoria ARTE Y GEOLOGÍA, 2024.



Imagen generada por Inteligencia Artificial. Fuente HolosCi[u]dad[e].
Desierto/Inundación. Creación: Bia Santos

Desierto/Inundación: mapeamentos artísticos, interatividade e experimentação em arte tecnológica

Lilian Amaral¹

Em pleno verão brasileiro, em fevereiro de 2023², durante o período de carnaval, uma tempestade devastadora inunda grande parte de cidades do litoral norte do Estado de São Paulo, resultando em um desastre ambiental sem precedentes. Na mesma semana observava-se uma seca histórica no Rio Grande do Sul comprometendo a agricultura, base da economia regional. Esta polaridade foi constatada para além do Brasil junto a demais países e contextos em que atuam os artistas/pesquisadores que integram o coletivo artístico e investigativo HolosCi[u]dad[e], lugares que apresentavam aumento de temperatura e seca, como em Valência, a diminuição do nível do mar em Veneza, ou, ainda, a escassez, poluição e/ou contaminação da água no Uruguai, Colômbia, Chile, entre outros territórios. Em 2024 vimos novos desastres ambientais, de maior intensidade, como as inundações no Rio Grande do Sul no Brasil no mês de maio, com cerca de 2 milhões e 400 mil desabrigados e mais de 442 mil pessoas tiveram que deixar suas moradias. Em outubro, a região mediterrânea de Valência,

¹ Artista visual, pesquisadora e curadora internacional no campo da arte pública relacional em contexto ibero-americano. Doutora (2010) e Mestre (2000) pela ECA/USP e Universidade Complutense de Madrid (2000/2010). Pós-Doutora em Arte e Cultura Visual pelo PPG FAV/UFG e Universidade Barcelona/ES (2014). Líder do Grupo de Co-pesquisa e co-criação em arte, ciência e tecnologia em rede ibero-americana HolosCi(u)dad(e)/MediaLab BR / - www.holos.espa214.org. Pesquisadora e Docente junto ao PPGHDL / DIVERSITAS USP. lilianamaraln@gmail.com

² Acerca das enchentes de 2023 no Litoral Norte do Estado de São Paulo – Eventos Climáticos Extremos https://pt.wikipedia.org/wiki/Enchentes_e_deslizamentos_no_litoral_norte_de_S%C3%A3o_Paulo_em_2023#:~:text=Enchentes%20e%20deslizamentos%20no%20litoral%20norte%20de%202023,Clim%C3%A1tico&text=A%20enchentes%20e%20deslizamentos%20de,decretado%20estado%20de%20calamidade%20p%C3%BAblica

na Espanha é “surpreendida” com tempestades extremas que resultaram em inundações, transbordamentos de rios e danos imensos, ocasionando a morte de 222 pessoas e 4 desaparecidos, gerando grande repercussão internacional e confronto político e social local.

Neste contexto de xenopaisagens e frente à percepção das evidências das mutações climáticas radicais e suas implicações inicia-se o workshop internacional *Desierto/Inundación* como uma ação artivista diante das emergências, em abril de 2023. Elaborado com base em pesquisas e em laboratórios de co-criação em rede, tem a água em suas diversas dimensões e estados –de inundações pelo excesso à desertificação por sua ausência– como elemento para criações sonoras, textuais e visuais combinadas a variados usos de tecnologias, como IA generativa, para uma prospecção criativa acerca das mutações no presente. A obra processual aborda criticamente o Antropoceno com foco na perspectiva do filósofo chinês Yuk Hui sobre a tecnodiversidade, combinados com as ideias de Bruno Latour em torno da Teoria de Gaia, entre outros autores. Desierto/ Inundación configura-se como um trabalho de investigação-criação em Arte, Ciência e Tecnologia baseada na práxis, tendo apresentado resultados parciais e processuais em congressos e mostras locais e internacionais promovendo um circuito expositivo, reflexivo e a partilha de conhecimento intercultural em rede ibero-americana junto a instituições acadêmicas, culturais, coletivos e grupos de pesquisa.

DESIERTO/INUNDACIÓN: POR UMA POÉTICA DO COMUM

Desierto/Inundación é a obra co-elaborativa disparadora da criação da mostra e encontros públicos *Ecoarte::terra em trânsito*. Integra as recentes pesquisas desenvolvidas pelo grupo internacional de co-pesquisa e co-criação em arte, ciência e tecnologia HolosCi(u)dad(e)³ como estratégia de desdobramento e circulação da obra *Desierto/Inundación*, concebida para ser objeto de partilha de conhecimento em contextos científicos, estabelecendo eco em torno das relações entre arte e natureza em espaços culturais. HolosCi[u]dad[e], por meio das metodologias e processos em torno de *Desierto/Inundación* participa da concepção e da realização da primeira *Residência da FAV e Medialab/BR-Unifesspa*, com objetivo de promover experimentações imersivas e vivências interculturais, poéticas e ambientais, fomentar projetos para pesquisas e extensão, envolvendo o Campus da Unifesspa/Marabá, na Amazônia. Aproximou os professores, alunos e pesquisadores artistas, de artistas e ativistas culturais e ambientais

3 <https://www.espai214.org/holos/desiertoinundacion/>

locais, reverberando, na prática, as ideias propostas por Yuk Hui em torno da tecnodiversidade. A tecnodiversidade implica em pensar divergências no seio do desenvolvimento tecnológico (como histórias culturais), produzir tecnologias alternativas. Yuk Hui sugere reivindicar, contra a concepção linear e única de progresso típica do eurocentrismo, em um mundo em que muitas cosmotécnicas sejam possíveis olhando em profundidade para o que emerge do território amazônico, como tecido cultural produzido no entorno do XI SIIMI, em Marabá/PA, em agosto de 2024. Para o filósofo da tecnologia, Yuk Hui, não há uma única tecnologia, mas sim uma tecnodiversidade – uma multiplicidade de cosmotécnicas que diferem umas das outras em seus valores, epistemologias e formas de existência. A superação da conjuntura atual, marcada por uma crise ecológica e moral, depende de uma política de decolonização em benefício de uma pluralidade de cosmotécnicas que poderão contribuir para a criação de novos futuros tecnológicos. Eis como a cosmotécnica ganha uma dimensão cosmopolítica.

Desierto/Inundación, integra processos de criação e reflexão, tendo produzido exposições, publicações e encontros públicos, presenciais e em rede, apoiando a formação, a pesquisa em arte e a circulação de obras baseadas nas problemáticas e mutações ambientais. Conectou São Paulo a Marabá iniciando a colaboração do Grupo de Pesquisa HolosCi[u]dad[e] com o MediaLab BR/Unifesspa, na região do Amazonas, norte do Brasil. Entre 14 de março e 12 de abril de 2024, desloca-se de São Paulo para ser exibido em um espaço físico do outro lado do Atlântico, no *Salão de Exposições da Vice-Reitoria do Campus Teruel da Universidade de Zaragoza* (Espanha). Foi visitado por 421 pessoas (estudantes, professores, investigadores, artistas). Membros do HolosCi[u]dad[e] e do Observatório Aragonês de Arte na Esfera Pública (OAAEP), grupo de investigação da Universidade de Zaragoza formado por especialistas em arte contemporânea que trabalham em arte pública, cultura audiovisual, estudos de património, território e sustentabilidade. No segundo semestre de 2024, deslocou-se de São Paulo para integrar a programação do *Espacio en Red*⁴, espaço expositivo-interativo coordenado pela artista e pesquisadora integrante de HolosCi[u]dad[e] Bia Santos e foi apresentado em Conferência no VI Simpósio Internacional ANIAV *ex_acto*, UPV, Valência, Espanha. *Desierto/Inundación* participa da *Mostra Poética do Contato Aportar* no encontro *Conexões Poéticas*, inte-

⁴ Espacio en Red. ANIAV/UPV. 3 a 5 de julho, 2024. https://www.aniav.org/6congresoaniav/?page_id=55

grante do Seminário Nômade Diálogos TransAtlânticos⁵ em Santos, litoral de São Paulo/Brasil. Complementa sua trajetória até o presente, a participação de *Desierto/Inundación* como obra – ensaio visual na *publicação (no prelo)* e na Mostra Internacional Rotas/Rutas, na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em novembro de 2024.

Desierto/Inundación como processo co-elaborativo, co-criativo e co-investigativo configura-se como um convite para se abrir ao mundo e formar comunidade, perfurando fronteiras e produzindo zonas de transição e interpenetração. Agora cabe a todos nós promovermos a necessária mudança de consciência, para uma visão de mundo ecocêntrica, geopolética, que respeite toda a vida e lhe conceda o direito de se desenvolver livremente. "Uma nova humanidade só poderá se expressar plenamente quando Gaia voltar a florescer" (LATOUR, 2020, p. 123).

5 POETICA_doCONTATO_APONTAR. Encontro audiovisual com artistas e obras que tratam das relações entre arte, território e ecosstemas poéticos abordando aspectos da arte pública relacional contemporânea. A Exposição Poética_doContato_APONTAR integra o Seminário Nômade Diálogos TransAtlânticos, com as obras dos/as artistas; Maurício Adinolfi (Macuco, com participação de Marcio Barreto), do Marcos Martins (videoperformance /corpo/natureza _ Malecón /Bienal de Havana-Cuba), Lilian Amaral e coletivo HolosCí[u]dad[e] - Desierto/ Inundación I (video/obra para metaverso), de Laurita Salles (video - Penetrável 2 obra para metaverso com foco na arte e natureza) , de Val Sampaio -Wuirapu'ru' Rio Negro- Amazonia (videoarte) e Pio Santana (videoassamblage no. 33 e 43. Acesso em: 24.11, domingo às 17h <https://youtube.com/live/ErTUcOheScc?feature=share>

Desierto/Inundación: mapeo artístico, interactividad y experimentación en el arte tecnológico

Lilian Amaral¹

En pleno verano brasileño, en febrero de 2023², durante el período de carnaval, una devastadora tormenta inunda gran parte de las ciudades de la costa norte del Estado de São Paulo, provocando un desastre ambiental sin precedentes. Esa misma semana, se observó una sequía histórica en Rio Grande do Sul, que comprometió la agricultura, base de la economía regional. Esta polaridad se observó más allá de Brasil, en otros países y en otros contextos en los que trabajan los artistas/investigadores que forman parte del colectivo artístico e investigativo HolosCi[u]dad[e]. Lugares que vivieron: un aumento de su temperatura, lo que dio lugar a sequías, como en Valencia; el descenso del nivel del mar, como en Venecia; o incluso la escasez, contaminación y/o contaminación del agua en Uruguay, Colombia, Chile, entre otros territorios. En 2024 asistimos a nuevos desastres ambientales, de mayor intensidad, como las inundaciones en Rio Grande do Sul en Brasil (en mayo), que dejaron alrededor de 2 millones 400 mil personas sin hogar, y más de 442 mil personas tuvieron que abandonar sus hogares. En octubre, la región mediterránea

¹ Artista visual, pesquisadora e curadora internacional no campo da arte pública relacional em contexto ibero-americano. Doutora (2010) e Mestre (2000) pela ECA/USP e Universidade Complutense de Madrid (2000/2010). Pós-Doutora em Arte e Cultura Visual pelo PPG FAV/UFG e Universidade Barcelona/ES (2014). Líder do Grupo de Co-pesquisa e co-criação em arte, ciência e tecnologia em rede ibero-americana HolosCi(u)dad(e)/MediaLab BR / - www.holos.espa214.org. Pesquisadora e Docente junto ao PPGHDL / DIVERSITAS USP. lilianamaraln@gmail.com

² Acerca das enchentes de 2023 no Litoral Norte do Estado de São Paulo – Eventos Climáticos Extremos https://pt.wikipedia.org/wiki/Enchentes_e_deslizamentos_no_litoral_norte_de_S%C3%A3o_Paulo_em_2023#:~:text=Enchentes%20e%20deslizamentos%20no%20litoral%20norte%20de%202023,Clim%C3%A1tico&text=A%20enchentes%20e%20deslizamentos%20de,decretado%20estado%20de%20calamidade%20p%C3%BAblica

de Valencia, en España, fue “sorprendida” por tormentas extremas que provocaron inundaciones, desbordamientos de ríos e inmensos daños, provocando la muerte de 222 personas y 4 desaparecidos, generando gran repercusión internacional y enfrentamiento político y social local.

En este contexto de xenopaisajes y ante la percepción de evidencia de un cambio climático radical y sus implicaciones, se inicia el taller internacional *Desierto/Inundación* como acción artivista ante las emergencias, en abril de 2023. Elaborado en base a investigaciones y en colaboración de laboratorios generativos, para la prospección creativa sobre mutaciones en el presente. El trabajo procedimental aborda críticamente el Antropoceno con foco en la perspectiva del filósofo chino Yuk Hui sobre la tecnodiversidad, combinada con las ideas de Bruno Latour en torno a la Teoría Gaia, entre otros autores. Desierto/Inundación se configura como un trabajo de investigación-creación en Arte, Ciencia y Tecnología basado en la praxis, habiendo presentado resultados parciales y procedimentales en congresos y exposiciones locales e internacionales. Promoviendo un circuito expositivo, reflexivo y de intercambio de saberes interculturales en una red iberoamericana con instituciones, colectivos y grupos de investigación académicos y culturales.

DESIERTO/INUNDACIÓN: HACIA UNA POÉTICA DE LO COMÚN

Desierto/Inundación es el trabajo co-elaboración que desencadenó la creación de la exposición y encuentros públicos *Ecoarte::terra em transito*. Integra investigaciones recientes desarrolladas por el grupo internacional de co-investigación y co-creación en arte, ciencia y tecnología HolosCi(u)dad(e)³ como estrategia de difusión de la obra *Desierto/Inundación*, diseñada para ser objeto de conocimiento, compartiendo en contextos científicos, estableciendo un eco en torno a las relaciones entre arte y naturaleza en espacios culturales. HolosCi[u]dad[e], a través de las metodologías y procesos en torno a *Desierto/Inundación*, participa en la concepción y realización de la primera *Residencia Artística en FAV y Medialab/BR-Unifesspa*, con el objetivo de promover experimentos inmersivos y experiencias interculturales, poéticas y ambientales, promoviendo proyectos de investigación y extensión, involucrando al Campus Unifesspa/Marabá, en la Amazonía. Reunió a profesores, estudiantes e investigadores artísticos con artistas locales y activistas culturales y ambientales, reverberando, en la práctica, las ideas propuestas por Yuk Hui en torno a la tecnodiversidad. La tecnodiversidad implica pensar en las divergencias dentro del desarrollo tecnológico (como las historias culturales), produciendo tecnologías alternativas. Yuk Hui sugiere reivindicar, frente a la concepción lineal y única del progreso propia del eurocentrismo, un mundo en el que muchas cosmotécnicas sean posibles profundizando en lo que

3 <https://www.espai214.org/holos/desertoinundacion/>

emerge del territorio amazónico, como el tejido cultural producido en el entorno del XI SIIMI, en Marabá/PA, en agosto de 2024. Para el filósofo de la tecnología, Yuk Hui, no existe una única tecnología, sino una tecnodiversidad, una multiplicidad de cosmotécnicas, que se diferencian entre sí en sus valores, epistemologías y formas de existencia. La superación de la situación actual, marcada por una crisis ecológica y moral, depende de una política de descolonización en beneficio de una pluralidad de cosmotécnicas que puedan contribuir a la creación de nuevos futuros tecnológicos. Así la cosmotecnia adquiere una dimensión cosmopolítica.

Desierto/Inundación, integra procesos de creación y reflexión, habiendo producido exposiciones, publicaciones y encuentros públicos, presenciales y online, apoyando la formación, la investigación en arte y la circulación de obras basadas en problemáticas y mutaciones ambientales. Conectó São Paulo con Marabá, iniciando la colaboración del Grupo de Investigación HolosCi[u]dad[e] con MediaLab BR/Unifesspa, en la región de Amazonas, al norte de Brasil. Entre 14 de marzo y el 12 de abril de 2024 se mudó de São Paulo para mostrarse en un espacio físico del otro lado del Atlántico, en la *Sala de Exposiciones del Vicerrectorado del Campus de Teruel de la Universidad de Zaragoza* (España). Fue visitada por 421 personas (estudiantes, profesorado, investigadores, artistas). En su puesta en escena participaron miembros de HolosCi[u]dad[e] y del Observatorio Aragonés del Arte en la Esfera Pública (OAAEP), grupo de investigación de la Universidad de Zaragoza, constituido por expertos en arte contemporáneo, que trabajan sobre arte público, cultura audiovisual, estudios patrimoniales, territorio y sostenibilidad. En el segundo semestre de 2024 se integró en la programación de *Espacio en Red*⁴, espacio expositivo interactivo coordinado por la artista e investigadora miembro de HolosCi[u]dad[e] Bia Santos y fue presentado en una conferencia en el VI Simposio Internacional ANIAV ex_acto, UPV, Valencia, España. Desierto/ Inundación participa de la Mostra Poética_doContato_Aportar en el encuentro Conexões Poéticas, parte del Seminario Nômade Diálogos TransAtlânticos⁵ en Santos, en la costa de São Paulo/Brasil. Complementando su trayectoria hasta

4 Espacio en Red. ANIAV/UPV. 3 al 5 de julho, 2024. https://www.aniav.org/6congresoaniav/?page_id=55

5 POETICA_doCONTATO_APORTAR. Encuentro audiovisual con artistas y obras que abordan las relaciones entre arte, territorio y ecosistemas poéticos abordando aspectos del arte público relacional contemporáneo. La Exposición Poética_doContato_APORTAR forma parte del Seminario Nômade Diálogos TransAtlânticos, con las obras de los artistas; Maurício Adinolfi (Macuco, con la participación de Marcio Barreto), Marcos Martins (videorendimiento /cuerpo/naturaleza _ Malecón /Bienal de La Habana-Cuba), Lilian Amaral y el colectivo HolosCi[u]dad[e] - Desierto/Inundación I (vídeo /trabajo para el metaverso), de Laurita Salles (vídeo - Penetrável 2 trabajo para el metaverso con enfoque en el arte y la naturaleza), de Val Sampaio -Wuirapu'ru' Rio Negro- Amazonia (videoarte) y Pio Santana (videomontaje nº 33 y 43. <https://youtube.com/live/ErTuCohESc?feature=share>

la fecha está la participación de *Desierto/Inundación* como obra – ensayo visual en la publicación (*en prensa*) y en la Exposición Internacional *Rotas/Rutas*, en la Universidad Federal de Santa María, en Rio Grande de Sul, en noviembre de 2024.

Desierto/Inundación como proceso de coelaboración, co-creación y co-investigación se configura como una invitación a abrirse al mundo y formar comunidad, traspasando fronteras y produciendo zonas de transición e interpenetración. Ahora nos corresponde a todos promover el necesario cambio de conciencia, hacia una cosmovisión ecocéntrica, geopoética, que respete toda vida y le otorgue el derecho a desarrollarse libremente. “Una nueva humanidad sólo podrá expresarse plenamente cuando Gaia vuelva a florecer” (LATOUR, 2020, p. 123).

Holosci(u)dad(e): organismo em mutação. Ecossistemas transversais e conectividade em rede ibero-americana¹

Lilian Amaral², Laurita Salles³, Cleomar Rocha⁴, Bia Santos⁵,
Emilio Martínez⁶, Josep Cerdá⁷

HOLOSCI(U)DAD(E)⁸. A CIDADE COMO EXPERIÊNCIA: TERRITÓRIO NÔMADA

HolosC(u)dad(e) busca propor e analisar experiências para compreensão da complexidade da cidade contemporânea, no atual contexto de espetacularização urbana, buscando articular linhas de abordagem que costumam ser

- 1 Publicado en: ISSN 2358-0488- Anais do VI Simposium internacional de Innovación en Medios Interactivos SIIMI, Mutaciones. ROCHA,Cleomar,CROISMAN, Matin (Orgs.). Buenos Aires: Media Lab/ Universidad de Buenos Aires, 2019.
- 2 Docente investigadora junto al PPG Humanidades, Derechos y otras Legitimidades – FFLCH y DIVERSITAS / USP Investigadora Principal de Holosci[u]dad[e].
- 3 Laboratório 10 Dimensões (UFRN) e Media Lab/ Universidade Federal de Goiás UFG (Brasil). Miembro de Holosci[u]dad[e].
- 4 Professor do PPG Arte e Cultura Visual | FAV | Universidade Federal de Goiás UFG(Brasil). Media Lab BR. Coordenador MediaLab BR/UFG.
- 5 Docente de la Universidad de Zaragoza del grado en Bellas Artes. Miembro de OAAEP y de Holosci[u]dad[e].
- 6 Docente Universitat Politècnica de València (UPV).
- 7 PPG Artes Visuales – Universitat Barcelona (UB).
- 8 Apresentação da obra HolosCi(u)dad(e), Simpósio Internacional #17.ART. Dimensão Política da Arte. Brasília, DF, UnB, outubro, 2018. Por Profa. Dra. Lilian Amaral – MediaLab BR / UFG e Rede Internacional de Educação Patrimonial contexto ibero-americano. Profa. Dra. Laurita Salles. PPGArtes, UFRN/MediaLab UFG. Ver <http://holos.espai214.org/>

tratadas separadamente: das práticas artísticas à experiência estética–corporal urbana. HolosCi(u)dad(e) configura-se como primeiro desdobramento co-elaborativo, no âmbito da co-pesquisa no campo da arte, ciência e tecnologia, a partir de elementos audiovisuais / multissensoriais que estabelecem índices partilhados de conexão entre os diversos núcleos de pesquisa internacional interligados por meio de MediaLabs, distribuídos e atuantes em contexto ibero americano, compondo uma metasonoridade experimental de cidades em rede. Relativamente ao nosso campo de prática e método de abordagem específico, HolosCi(u)dad(e) trata de uma espécie de “cartografia dos sentidos” (AMARAL, 2015) – palavras, sons, imagens, espaços, construída por meio de narrativas de situações urbanas, ou seja, da própria poética da cidade. Uma “cartografia sensorial”, compreendendo a prática artística como metodologia de apreensão e, sobretudo, como produção de cidade. Assim como outras modalidades de expressão, tem-se a arte e a estética como campos de possibilidades rizomáticas de discursos de instituir cidades ao discurso urbano, totalizador e hegemônico; não o eliminando, mas borrando-o, em um campo de possibilidades, como nos propõem Deleuze e Guattari (1995), fazendo desses outros discursos de cidades, parte subtraída da multiplicidade: “é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele”. Pois qualquer coisa pode ser isso ou aquilo, mas também pode ser isso e aquilo, no sentido plural, de indeterminação, do “entre” ou intermezzo, considerando que cada possibilidade não anula e tampouco exclui uma outra. Pode-se conceber que a busca por uma apreensão molecular, presente nos desvios da cidade, e entendendo-a em sua condição de mutabilidade como sistema e organismo vivo, torna-se o aporte imprescindível para a compreensão dos processos urbanos contemporâneos. Desta forma, são as práticas cotidianas da produção do território que se traduzem na produção sensível da cidade e que resultam na própria experiência da alteridade. Frente ao poder da hegemonia do capital simbólico e midiático, é a transmissão da experiência que garante, muitas vezes, a (contra)produção de subjetividades, o que seria o contrário de uma produção massiva, maquinica e midiática, portanto, capitalista de subjetividades, exatamente a partir de “microrresistências dissensuais que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível” (JACQUES, 2012b, p. 197). Por outro lado, é a transformação da experiência que produz uma cidade “outra”, ou seja, que contribui para que outras subjetividades sejam produzidas através da transmissão e, consequentemente, da recepção da experiência. O que, no nosso caso específico, estaria diretamente relacionado ao poder da prática artística, da narração, da palavra, da sonoridade e da performance no ato de influenciar, orientar e plasmar a percepção dos habitantes, ampliando seu papel de fruidores, e para além deste, de produtores de sentido.

ATRAVESSAR UM ESPAÇO É EM SI UMA AÇÃO ARTÍSTICA

HolosCi(u)dad(e) propõe formas de intervenção / reflexão sobre as cidades contemporâneas entendendo-as como territórios compostos por camadas sonoras sobrepostas, nas quais é necessário desvelar para descobrir as nuances culturais de cada local. A pesquisa centra-se na análise do ambiente sonoro em áreas de tensão e conflito, que passam por mudanças abruptas na transformação urbana, movimentos migratórios, zonas de atrito ou locais de fronteira entre o urbano e a natureza. Cada cidade, bairro ou rua tem um ambiente sonoro diferenciado que vai sendo transformado e adaptado ao longo do tempo. Há uma identidade sonora de cada lugar, e isso configura a memória sonora e o subconsciente coletivo de seus habitantes. Um dos elementos básicos em que podem-se detectar as transformações no ambiente urbano é o sonoro. As migrações comportam novas sonoridades que são imediatamente detectadas em edifícios e ruas. Qualquer mudança em um ambiente natural ou cultural implica a escuta de novas sonoridades.

Ouvir e registrar os ambientes sonoros permite a produção partilhada de conhecimento com a demonstração de que em um mesmo local existem diferentes temporalidades, a escuta estabelece um sistema de relações que nos ajuda a entender as interferências de uma realidade emaranhada. Tal ambiente é definido pelas marcas de mobilidade e os registros de áudio refletem algumas camadas que operam num dado local de forma parcial e imprecisa. Estudar profundamente essas camadas oferece gradações de complexidade indescritível. O trabalho trata da complexidade de um universo misto onde tudo é móvel, evanescente e fúgido. Fluxos invisíveis criam tensões e, nessa interação de camadas e redes, tudo funciona simultaneamente. Uma das mais eficazes maneiras de registrar esses fluxos e tensões é através do registro sonoro. Quando falamos de camadas, falamos de algo relacionado ao tempo, ou melhor dizendo, a uma relação fractal do tempo. É um reflexo de matizes temporais e micro eventos, estando relacionado com aleatoriedade, acaso e coincidência. Relaciona-se, como Carl Gustav Jung nos sugere com o termo da sincronicidade. A sincronicidade será a conexão de várias camadas da realidade com uma significativa coincidência de padrões relacionados. A sincronicidade não ocorre em um único nível, mas conecta vários níveis: é uma interconexão.

Em 1967, Michel Foucault nos apontou da mudança de paradigma em nossa sociedade que passou de relações temporais para relações espaciais: o espaço do mundo contemporâneo é um espaço heterogêneo de lugares e relações e, ao contrário da concepção do mundo -em vigor até meados do século XX - onde tudo era ordenado hierarquicamente. De acordo com o pensamento de Foucault vivemos em uma rede de relações. O conceito de Heterotopia articula-se com a referência a um espaço heterogêneo de lugares

e relações que não apenas define a era pós-moderna, mas prefigura a rede global em que estamos atualmente implicados. Refletir sobre essa realidade é necessário para nos situarmos nesse amálgama acerca do que nos rodeia.

O espaço moderno – melhor dizendo, pós-moderno – não é contínuo, é composto de fragmentos, peças que têm continuidade sem necessariamente serem contíguas. As uniões são produzidas através de relações, a ideia de limite perdeu a precisão, não sabemos onde as coisas começam ou terminam, algo difuso. Por esta razão é necessário explorar além dos circuitos comerciais, turísticos ou administrativos, outros espaços em que é possível detectar marcas, sinais ou traçados. Há, portanto, outro conceito de lugar, entendido como o atravessar tensões, ações e confluências.

As cidades contemporâneas no mundo globalizado são uma sucessão de hibridações e cruzamentos, onde convivem diferentes formas de pensar e coexistem diferentes temporalidades, território composto por múltiplas dimensões. No entanto, o deambular por lugares absolutamente desconhecidos nos faz abrir nossa escuta para este universo misto onde a realidade é móvel, evanescente e fugidia. Os lugares são, portanto, uma relação sonora, textual e sentimental. Ler essa realidade é colocar em contato aspectos imprevistos, mais próximos do imaterial do que do físico. Assim, a cidade configura-se como um texto com infinitas possibilidades de leitura, sendo também uma partitura onde podemos refletir sonoramente essa representação do indefinível. Percorrer a cidade sem rumo predeterminado tem a finalidade de relacionar conhecimento com experiência. A informação do percurso ou da deriva, proporciona experimentação direta no espaço que nos faz ver que a cidade é multidimensional, permeada por relações complexas não evidentes entre as partes. Os lugares são, portanto, seus sons, seus cheiros e o que percebemos inconscientemente, ou seja, eles têm uma dimensão além do físico. Essa partitura sonora de cada lugar representa fluxos visíveis e invisíveis, uma experiência que une a experimentação e a interpretação da realidade cotidiana que opera simultaneamente em uma esfera global e local ao mesmo tempo.

Os estudos de lugares onde coexistem complexidades, p, produtos da mistura entre o local e a globalização, revelam um conjunto de relações e interconexões em que o todo é muito mais do que a soma das partes isoladas. Os lugares intersticiais e de confluência são o cruzamento entre intermeios, um encontro de estados diferentes. Essas áreas de reunião, como explica Serge Gruzinski (2001) são lugares muito dinâmicos, onde a única condição permanente é precisamente sua instabilidade. Esses lugares marginais devem ser percebidos em sua multidimensionalidade, pois são o produto de uma cultura híbrida resultante da montagem que é o traço que determina a condição do contemporâneo. Aceitar a realidade emaranhada que se tem diante dos olhos é o primeiro passo para ver outra realidade. A mescla cultural é ambígua

e ambivalente, não se pode estudá-la através de clichês estereotipados. A mistura de culturas oculta situações extremamente diversas e complexas.

Essa aproximação, sem traduções da complexidade do que nos rodeia, nos dá um componente afetivo ou emocional do espaço. Experimentamos mudanças estabelecendo diferentes níveis de atração ou repulsão através de movimentos entre limites flutuantes e porosos. Na realidade, a cidade oferece milhares de possibilidades de percursos. O simples fato de atravessar um espaço - estabelecer um caminho - é em si uma ação artística.

HolosCi(u)dad(e) propõe formas de intervenção / reflexão sobre as cidades contemporâneas entendendo-as como territórios compostos por camadas sonoras sobrepostas, nas quais é necessário desvelar para descobrir as nuances culturais de cada local. Cada cidade, bairro ou rua tem um ambiente sonoro diferenciado que é transformado e adaptado ao longo do tempo. Há uma identidade sonora de cada lugar, e isso configura a memória sonora e o subconsciente coletivo de seus habitantes. Um dos elementos básicos em que as transformações podem ser detectadas no ambiente urbano está no som, as migrações envolvem novos sons que são imediatamente detectados em edifícios e ruas. Qualquer mudança em um ambiente natural ou cultural implica ouvir novos sons. Há, portanto, outro conceito de lugar, entendido como dispositivo para atravessar tensões, ações e confluências. As cidades são uma sucessão de hibridações e mestiçagens, onde coexistem diferentes modos de pensar e diferentes temporalidades, território composto de múltiplas dimensões. No entanto, a peregrinação por lugares absolutamente desconhecidos nos faz abrir nossa escuta a esse universo mesclado. Os lugares são, portanto, um relacionamento sonoro, textual e sentimental. Ler essa realidade é colocar em contato aspectos imprevistos, mais próximos do imaterial do que do físico. Os estudos de lugares onde há uma complexidade cultural, produto da mistura entre o local e a globalização, revelam um conjunto de relações e interconexões em que o todo é muito mais do que a soma das partes isoladas. Os lugares intersticiais e de confluência são um cruzamento entre variadas mídias, um encontro de diferentes estados. Essas áreas de reunião, como explica Serge Gruzinski (2001), são lugares muito dinâmicos, onde a única condição permanente é precisamente sua instabilidade. Esses lugares marginais devem ser percebidos em sua multidimensionalidade, pois são o produto de uma cultura híbrida resultante da montagem. Aceitar a realidade emaranhada que alguém tem diante de seus olhos é um primeiro passo positivo para ver outra realidade. A mescla cultural é ambígua e ambivalente, não podemos estudá-lo através de clichês estereotipados. A mistura de culturas oculta situações extremamente diversas e complexas. Essa abordagem, sem traduções da complexidade do que nos rodeia, nos dá um componente afetivo ou emocional do espaço.

Experimentamos mudanças estabelecendo diferentes níveis de atração ou repulsão através de movimentos entre limites flutuantes e porosos. A partitura sonora de cada lugar representa fluxos visíveis e invisíveis, configura uma experiência que une a experimentação e interpretação da realidade cotidiana que opera simultaneamente em uma esfera global e local.

Na realidade, uma cidade oferece milhares de possibilidades de percurso e o simples fato de percorrer um espaço - estabelecer uma trajetória - é em si uma ação artística e política, transformadora. *HolosCi(u)dad(e)*, desta forma, vem configurar-se como espaço de experimentação coletiva em rede, de construção de lugares de existência e projeção de futuros possíveis em tempos de profundas e aceleradas mutações.

PAISAGENS EM MUTAÇÃO: DA PESQUISA À PERFORMANCE

O conjunto de sons captados pelos artistas pesquisadores envolveu sonoridade urbana e corporal, mais especificamente, vozes humanas, sons da cidade, de rios, animais, eventos de comunidades e de memória coletiva, sons maquinícios e de pequenos eventos urbanos, sejam em áreas externas ou internas, públicas e/ou privadas. Somam-se a tal conjunto, sons corpóreos, como batidas do coração e de vísceras, respirações, entre outros. Devidamente tratados, compõem um complexo acervo sonoro fruído ao vivo por meio de sobreposições randômicas. Na execução da obra, algoritmos computacionais manipulam, misturam e reproduzem, em tempo real, os sons captados previamente em cada contexto. Os algoritmos atuam, desta forma, como coagentes integrantes da construção poética da obra, em um processo de composição e co-elaboração sonora em que parte de sua execução é pré-determinada pela programação a partir de critérios especificados pelos artistas, enquanto outra parte é imprevisível, por conta de processos aleatórios, efetivada durante a fruição da obra. Desta maneira, cada performance apresenta uma nova e diferente paisagem sonora, mantendo alguns parâmetros fixos. O som reverbera com alta intensidade, especialmente nos sons graves, ocasionando a sensação corporal resultante da reverberação ampliada, culminando em uma apresentação de caráter performático, envolvendo a participação do público com interação corporal, multisensorial.

A obra *HolosCi(u)dad(e)* envolveu performance utilizando uma perua automotiva sonorizada, tipo trio ou paredão goiano, produzido para a apresentação em área externa do Museu Nacional da República, D.F, Brasília e apresentado por cerca de duas horas na noite do dia 3 de outubro de 2018 e integrou a exposição Em Meio #10. Criou-se um complemento audiovisual fixo durante a exposição na sala expositiva do Museu Nacional da República, apresentada em um monitor computacional com interações sonoras em tem-



Fig. 1. Imagem em movimento da videoprojeção na parede de entrada do Museu Nacional da República, realizada pela Orquestra de LapTops da UnB, em tempo real, em sintonia com HolosCi(u)dad(e). Foto: acervo HolosCi(u)dad(e), Lilian Amaral, 2018.

po real, processadas em um computador com interface sonora de autofalantes e acesso à imagem em movimento da projeção composta por palavras-chave apresentada, igualmente, na performance de abertura, projetada na parede de entrada do Museu.

Trio goiano refere-se ao tipo de sonorização mais comum no estado de Goiás, Brasil. Nesta região usa-se o padrão de autofalantes em três faixas de som: graves, médios e agudos). Em outras regiões do país essa sonorização pode alcançar quatro faixas. A performance envolveu, assim, a presença de um dispositivo automotivo como interface de saída sonora. Os sons foram processados em um computador a partir de um banco sonoro com o conjunto de sons produzidos nos diversos territórios, contextos onde localizam-se os grupos de pesquisadores artistas que integram o projeto cocriativo. Visualmente tem-se a própria presença da perua automotiva dotada de sistema de leds coloridos acrescidos de estruturas de rebatimento luminoso de placas de acrílico transparentes, as quais potencializam os efeitos luminosos e em movimento das fitas de leds. Assim, há uma complementação entre som e presença de



Fig. 2. Em Meio #10. Também foi apresentado um complemento fixo durante a exposição na sala do Museu Nacional da República (3 a 30 de outubro de 2018). Foto: acervo HolosCi(u)dad(e), Lilian Amaral, 2018.

um emissor sonoro e visual impactante. Também o som reverbera com alta intensidade, especialmente os sons graves, ocasionando a sensação corporal da reverberação sonora. Paralelamente, houve uma complementação visual realizada pelo grupo Orquestra de Laptops da UnB, por meio da projeção da imagem das palavras-chave que resultaram das sínteses das experiências desenvolvidas em cada contexto, em imagens/sons superpostos, ampliando o caráter de fluxo e compartilhamento, hibridização e co-elaboração performativas.

Ao apropriar-se de sons oriundos dos vários núcleos de pesquisa baseados nos diversos países – Brasil, Uruguai, Colômbia, Espanha e China HolosCi(u)dad(e) adquire uma dimensão glocal, em que uma nova ordem mundial altera as formas de representação de identidades e culturas. Simultaneamente, opera a partir do lugar como espaço praticado, carregado de memória compartilhado por meio de redes, configurando um lugar utópico, resultado da convergência, conectividade e compartilhamento.

A PERFORMATIVIDADE DO LUGAR

Pode-se dizer que na obra HolosCi(u)dad(e) o dispositivo paredão atua como uma interface sonora visual de convergência de índices ou rastros de memórias sonoras oriundas de lugares diversos e produzida por diversos agentes, sendo, contudo, apresentados como um acontecimento em um único sítio. Assim, o imaginário dos espectadores participantes é mobilizado no desdobrar da performance que ocorre em tempo real no locus da exposição, através dos eventos sonoros/luminosos e imagéticos enquanto experiência multisensorial. O espectador é também ator ao performar a obra no lugar específico. Lembramos que, segundo Tuan, o “lugar é um mundo de significado organizado.” (TUAN: 1983, p. 198) onde o espaço indiferente é transformado em lugar, um espaço vivido e experienciado no tempo. Milton Santos, tem uma noção mais concreta de espaço, entendendo que

“o espaço, é, antes do mais, especificação do todo social, um aspecto particular da sociedade global. A produção em geral, a sociedade em geral, não são mais que um real abstrato, o real concreto sendo uma ação, relação ou produção específicas, cuja historicidade, isto é, cuja realização concreta somente pode dar-se no espaço.”(SANTOS: 2006, p. 77).

A obra HolosCi(u)dad(e) capta e opera sua poiesis situada nessa transposição e tensão entre o lugar específico da captação de seus dados iniciais em diversos lugares do mundo e sua realocação enquanto coletânea de vestígios sonoros sobrepostos e experienciados publicamente. A obra tem introjetada a lógica de sítios e seu deslocamento, e a aparição e manifestação das memórias que configuram paisagens sonoras, aqui manifestas como objetos sonoros através da interface paredão. Algo acontece que situa, ou situa acontecendo, no deslocamento geopoético e deslocando-nos, a um só tempo. Os elementos sonoros produzidos pelos diversos artistas participantes do grupo de pesquisa foram coletados em várias cidades do mundo, e convergem ao apresentarem-se juntos em um determinado lugar. Compreendemos que seja muito específico ou determinado, o momento em que cada espectador interage com a performance sonora como um devir atualizando a obra num presente cambiante pela renovada combinação de sons de diversos lugares manifestos em um presente intensificado pela obra, na reverberação corpórea do participador. Portanto, o instante é situs através da linguagem, coincidindo com as palavras de Virílio (1998, pág.148) em que propõe-se “o deslocamento do centro de interesse da coisa (...) e sobretudo do espaço ao tempo e ao instante”. O espectador é trans-posto para o local da obra e simultaneamente deslocado dele, pela emergência do evento.

Afinal, a obra instaura uma *present-ação - ação no presente , em tempo real, situs* do evento. Convém ainda lembrar Milton Santos (SANTOS: 2006, p. 143) :

Um evento é um instante do tempo e um ponto do espaço. Na verdade trata-se de um instante do tempo dado em um ponto do espaço...Um evento é um ponto nesse espaço-tempo, um dado instante em um dado lugar[...].Na teoria da relatividade da natureza, o conceito mais elementar é o de pontoevento.[...].Estes são ordenados combinando a ordenação temporal e espacial dos eventos da natureza em uma única ordem de quatro dimensões."

E, ainda, segundo o autor, "os eventos são todos Presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração do tempo que eles qualificam. Os eventos são simultaneamente a matriz do tempo e do espaço."(SANTOS: 2006, 144)

Assim, esta obra, como outras na contemporaneidade, realiza um deslocamento de sentido do lugar através do rastreamento de conjunto de informações específicas as quais são deslocadas de seu contexto e reapresentadas em outros, singularizados através de uma lógica da interface. Esta os reapresenta o lugar através de uma transitividade dos sentidos e, certamente, de um rastreamento sensório de aspectos específicos do lugar, já que há um filtro que seleciona algumas informações e não outras para uma base de dados reapresentada segundo parâmetros definidos pelos artistas. Este lugar transformado, de fato, realidade expandida, só existe na experiência, através do tempo ubíquo e situado das novas tecnologias, é instaurado como evento. Por outro lado, ao situar-se como nós de uma rede a partir de localizações definidas por conteúdos e experiências de memórias de paisagens ou experiências vividas, o trabalho co-elaborativo estabelece deslocamentos e dualidades. A rede, assim como a ordem global, da qual Milton Santos nos lembra, é "desterritorializada", e "funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano". E complementa:

"Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade"(SANTOS: 2006, p.231).

Afinal, as redes, segundo o autor são:

"animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário" e "não prescindem de fixos – que constituem-suas bases técnicas - mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes."(SANTOS: 2006, p.188).

E incluem dinâmicas locais e dinâmicas distantes, universais: "Ao mesmo tempo globais e locais, as redes também são unhas e múltiplas."(SANTOS: 2006, p.231). Assim, continua ele:

"Seu espaço", mivediço e inconstante, é formado de pontos. (...) A ordem local, que "reterritorializa", é a do espaço banal, espaço irredutível porque reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas. O cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados, é a garantia da comunicação (...) Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. (SANTOS: 2006, p.231)

Holosci(u)dad(e) tem como desdobramento uma plataforma web –<http://holos.espai214.org>– como repositório online onde os arquivos das ações realizadas se comportam como um organismo vivo no ciberespaço, que permite a contribuição dos diferentes grupos que participam e que torna visível um dos principais objetivos do projeto: a interconexão de uma rede co-elaborativa a partir das ações desenvolvidas em diferentes lugares, entre diferentes grupos de pesquisas em um processo contínuo de intercambio. A web está estruturada com em 2 partes: a primeira que consiste na apresentação do projeto com uma navegação em scroll, onde a informação, principais, conceitos e reflexões se apresentam de forma dinâmica; a segunda parte conta com um menu de navegação estático, que vincula ações e informações básicas aos conteúdos do projeto. Este repositório online tem como proposta ser um catalizador de ações e informações que possam contribuir para as redes colaborativas conectando com outras redes e organismos dentro do ciberespaço. De fato, a obra HolosCi(u)dad(e), traz referências sonoras de lugares específicos para um outro lugar. Não se trata de uma analogia ou metáfora de cada um dos lugares, no sentido descrito levantado por Smithson, embora apresentem conjuntos sonoros selecionados e referenciados neles. Assim, a interface paredão apresenta vestígios sonoros de outros lugares no sitio da performance. Assim, paisagens sonoras de sítios diversos - os sons originalmente captados pelos integrantes do projeto foram transformados em "objeto sonoro", conceito de Shaeffer (MELO, F. e PALOMBINI, C.: 2006, p. 817) a partir de "ruídos e signos plásticos" (Schaeffer, 1952d: 131, Apud MELO, F. e PALOMBINI p.818) que se tornaram som gravados (no caso, sons digitais), selecionados e tratados e como resultante de uma intenção de escuta. A obra HolosCi(u)dad(e) oferece aos expectadores, assim, uma experiência acusmática (percepção auditiva na qual não se enxergam as fontes sonoras como no caso do som gravado e proporcionando o melhor meio para a revelação do objeto sonoro (MELO, F. e PALOMBINI, C.: 2006, p. 819). Lembramos, ainda,a partir de Ihde, que os sons tratados e ouvidos através da intermediação do paredão, tornam-se polifônicos, vinculados à experiência imaginativa dos ouvintes (IHDE: 2007, p. 117).

CULTURA DIGITAL E CONECTIVIDADE

HolosCi[u]dad[e] articula vozes e ações, em referências diretas ao conjunto, seja pelos termos Holos e Cidade/Ciudad, que alinham a perspectiva de completude e sociabilidade, seja na forma sintática de nominar o trabalho, juntando termos e idiomas. Tais características nominativas espelham a condição colaborativa do trabalho, ao tempo em que apontam, de igual modo, para a relação entre o analógico, formalizado pela continuidade, e o digital, compreendido como o discreto. Essas dimensões, passíveis de sondagem hermenêutica, sintetizam e bem o ensejo do conjunto de pessoas, de vários países, que se debruçaram sobre o fazer, poetificado, juntos. O aglutinante das ações e motivo das articulações são o desejo e a razão. O desejo de colaborar em uma poética instaurada que tematiza o coletivo, e a razão no reconhecimento de vivermos um período em que a cultura da posse e da guarda cede lugar para uma cultura baseada no acesso e no compartilhamento. Essa nova instrução programática da cultura recebe o legado da cultura digital e, mais fortemente, na conectividade, traço inequívoco do contemporâneo. A prática cultural, nos últimos anos, tem sido exercida com a forte presença dos aparatos tecnológicos, que remodelaram o pensar e o agir do homem, em constante exercício de sua neuroplasticidade. Tal característica, aliada à praticidade dos recursos computacionais, inauguram o que alguns chamam de transhumano ou pós-humano que, de modo contundente, se engendra na sociedade, tornando a tecnologia parte mesma da estrutura humana. Esse modelo encontra na conectividade um lastro do que caracteriza o homem como ser social, reinterpretando as premissas de sociabilidade e alcançando um pensamento estético, a própria noção da estética da conectividade.

Esse valor, derivado da experiência estética, repercute ontologicamente no pulsar humano, compondo a cena contemporânea, em uma ordem simbólica das mais variadas e diversas práticas sociais. É nesse contexto que HolosCi(u)dad(e) se mostra, pleno como exercício completo, poroso como prática polifônica, pujante como a experiência singular da arte, contextualizada pela estética da conectividade e pela cultura digital.

REFERÊNCIAS

- Amaral, Lilian. Cartografias artísticas e territórios poéticos [recurso eletrônico] / São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. Disponível em <http://www.memorial.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Cartografias-Art%C3%ADsticas-e-Territ%C3%B3rios-Po%C3%A9ticos.pdf> acessado em 20/04/2019
- Deleuze, G., Guatarri, F. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 / Gilles v.l . Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 94 p. (Coleção TRANS)
- Foucault, M. From: *Architecture / Mouvement/ Continuité*. October, 1984; "Des Espace Autres," March 1967 .
- Gruzinsky, S. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- IHDE, D. *Listening and voice: Phenomenologies of sound*. Albany: State University of New York Press, 2007
- Jacques, P.B. Experiência errática. Redobra, no. 9. 2012b, p. 192-204.
- Jung, Carl Gustav. *Sincronicidade*. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis: Vozes, 2000, 10ª edição, volume VIII/3 das Obras Completas.
- Melo, F. e Palombini, C. O objeto sonoro de Pierre Schaeffer: duas abordagens. In: *Anais do XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)* Brasília – 2006, pp. 817-820. Acessível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/07_Comp_TeoComp/sessao04/07COM_TeoComp_0404-173.pdf
- Salles, L.R. de. Des-situação, In: *Anais II Simpósio da ABCiber*, São Paulo, 2008. Anteriormente acessível em: <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CAD/Laurita%20Salles.pdf>
- Santos, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- Schaeffer, P. (1952b). Premier journal de la musique concrète. In: *À la recherche d'une musique concrète*. Paris: Seuil, 1952: 9–76.
- Tuan, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. 1930. Tradução de Lívia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.
- Virilio, P. *La machine de la vision*. Paris: Éditions Galillée, 1998

Desierto/Inundación: Paisagens extremas¹

Desert/Flood: Extreme landscapes

Lilian do Amaral Nunes (Lilian Amaral)², Marcos Umpiérrez³, FaBiane Santos (Bia Santos)⁴, Liliana Fracasso⁵, Marina Buj⁶, Ricardo Dal Farra⁷, Matheus Montanari⁸, José Prieto⁹ e Vega Ruiz¹⁰

INTRODUÇÃO. HOLOSCI(U)DAD(E). ORGANISMO VIVO. ECOSSISTÉMAS POÉTICOS E CONECTIVIDADE EM REDE¹¹

HolosCi(u)dad(e), grupo internacional de co-pesquisa e co-criação em arte, ciência e tecnologia em rede, propõe formas de intervenção/reflexão sobre

- 1 Publicado en: Amaral, L., Umpiérrez, M., Santos, F., Fracasso, L., Buj, M., Dal Farra, R., Montanari, M., Prieto, J. e Ruiz, V. "Desierto/Inundación: paisagens extremas." *Xenopaisagens* [recurso eletrônico]: arte, ciência e tecnologia/organização: Carina Ochi Flexor ... [et al.]. – Brasília: Universidade de Brasília (Brasil, 2024).
- 2 Docente investigadora junto al PPG Humanidades, Derechos y otras Legitimidades – FFLCH y DIVERSITAS / USP. Investigadora Principal de Holosci[u]dad[e].
- 3 Docente de Universidad de la República de Uruguay, Montevideo (UdelaR). Miembro de Holosci[u]dad[e].
- 4 Docente de la Universidad de Zaragoza del grado en Bellas Artes. Miembro de OAAEP y de Holosci[u]dad[e].
- 5 Docente de Academia de Belas Artes de Veneza (Italia). Miembro de Holosci[u]dad[e].
- 6 Docente de Universidad de Girona. Miembro de Holosci[u]dad[e].
- 7 Docente de Universidade Concórdia (Canadá).
- 8 Estudiante predoctoral Universidad de São Paulo. Miembro de Holosci[u]dad[e].
- 9 Docente de la Universidad de Zaragoza del grado en Bellas Artes. Miembro de OAAEP, IPH y de Holosci[u]dad[e].
- 10 Artista plástica y miembro de Holosci[u]dad[e].
- 11 Inspirado em fragmentos do artigo Holosci(u)dad(e): organismo em mutação. Ecossistemas transversais e conectividade em rede ibero-americana, de autoria de Lilian Amaral e coautores, apresentado e publicado nos anais do VII SIIMI – Simpósio Internacional de Inovação e Mídias Alternativas, Buenos Aires, maio de 2019.

as cidades contemporâneas entendendo-as como territórios compostos por camadas multissensoriais sobrepostas, as quais é necessário desvelar para descobrir nuances culturais de cada local.

Os lugares resultam de um relacionamento sonoro, visual, (com)textual e sentimental. Ler essa realidade é colocar em contato aspectos imprevistos, mais próximos do imaterial do que do físico. A partitura sonorovisual de cada lugar representa fluxos visíveis e invisíveis, configura situações que unem a experimentação e interpretação da realidade cotidiana, e esta opera simultaneamente em uma esfera global e local. O simples fato de percorrer um espaço –estabelecer uma trajetória– é em si uma ação artística, política e transformadora.

HolosCi(u)dad(e), vem configurar-se como espaço de experimentação por meio da co-pesquisa e co-criação em arte colaborativa e em rede, de construção de lugares de existência e reflexões sobre as crises no presente para projetar futuros possíveis nestes tempos distópicos, de profundas e aceleradas mutações.

DESIERTO/INUNDACIÓN: PAISAGENS EXTREMAS

A água continua sendo o dispositivo disparador e o centro das pesquisas e co-criações propostas pelo Grupo HolosCi[u]dad[e]. A partir de 2018, no contexto do SIIMI –Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas– MediaLab UFG/Universidade Federal de Goiás, inicia-se uma série de projetos de co-investigação e co-criação artística e tecnológica em rede iberoamericana. Obras, espaços de criação em rede (Openlabs), publicações integram a produção artística e investigativa: Paredão Automotivo (2018), Paisajes Virales (2020), INLETS (2021), OpenSpace (2021/2022) e Desierto/Inundación (2023)¹².

Face às inúmeras evidências frente a crise ambiental que vivemos em âmbito global, e considerando-se a simultaneidade de fenômenos extremos, colocando tanto distintos territórios num mesmo país como em diversos países sob condições climáticas radicais, tais como processos de inundação e de desertificação, evidenciam-se as condições ameaçadoras em que os lugares, habitados ou não, estão submetidos de forma irreversível.

¹² Artistas participantes – <https://www.espai214.org/holos/desiertoinundacion>
Coordenação Geral e curadoria Lilian Amaral. Coordenação e criação/programação: Marcos Umpiérrez. Coordenação geral e co-curadoria Bia Santos, Liliana Fracasso, Marina Buj Corral. Participação: Laurita Ricardo de Salles, Mirian Celeste Martins, Suzete Venturelli, Brenda Marques Pena, Luis López Casero, José Prieto, Vega Ruiz, Paula Carolei, Daniel Toso, Matheus Montanari, Ivan David, Carina Flexor, Fernando Palacios, Luisa Fernanda Giraldo Murillo, Karla Brunet. Paisagem Sonora: Ricardo Dal Farra e Marina Buj.

Com o objetivo de ampliar o campo de pesquisa, o intercâmbio internacional e a produção partilhada de conhecimento crítico em arte e tecnologia, e frente às evidências acima descritas ocorridas simultaneamente em diferentes lugares do mundo, especialmente a partir do início de 2023, perpassa um estado de indignação e espanto generalizado entre os artistas pesquisadores que integram HolosCi(u)dad(e). Assim, propõe-se uma convocatória aberta para criação de um trabalho co-elaborativo, por meio da construção sonora e de narrativas visuais e textuais [multissensoriais], com foco no tema da água (excesso/escassez), e suas iinequívocas implicações em nível global.

Tais discussões e práticas poéticas em rede integraram a programação do XXII Festival Internacional de la Imagen, XENOPAISAJES¹³, com apresentação de conferência e participação na Exposição Media Art, por Lilian Amaral representando o coletivo HolosCi(u)dad(e) em Manizales e Bogotá / Colômbia, entre maio e junho de 2023. Propõe-se um diálogo entre a experiência humana e a tecnologia, por meio da I.A (Inteligência Artificial) para a criação de uma obra generativa, mutante e aberta, explorada na versão desdobrada - Desierto/Inundación II: um interativo que apresenta as versões sonorovisuais e textuais hibridizadas a partir das práticas situadas elaboradas por todos os/as artistas-pesquisadores, versão esta, apresentada e performada no encontro internacional de Arte e Tecnologia Interativa - #22ART, juntamente com o X SII-MI – Simpósio Internacional de Inovação e Mídias Interativas, como também, da Exposição EmMeio#15, realizada no Museu Nacional da República, Brasília, entre setembro e outubro de 2023¹⁴.

Desierto/Inundación emerge como uma ação em resposta à evidente crise ambiental em nível global. A partir da realização de workshops internacionais –OpenLab¹⁵– dispositivo disparador dos processos de trabalho co-elaborativos, artistas investigadores são convidados/as para apresentar suas pesquisas como entornos ampliados sobre os temas em discussão sendo propulsores de processos de co-criação e co-pesquisa poética em rede.

CARTOGRAFIA PERFORMATIVA DOS SENTIDOS

Desierto/Inundación, em sua dinâmica e através do metaverso, apresenta-se como uma cartografia sensível da relação com a água, desde as subjetividades dispersas pelo mundo até o olhar comum. Signo e símbolo, palavra e significa-

13 XXII Festival Internacional de la Imagen, Manizales/Bogotá, Colômbia, 2023

14 #22.ART - <http://www.medialab.unb.br/index.php/categorias/31-22-art>

15 OPENLAB DESIERTO INUNDACIÓN 2023. Palestrantes convidados/as; Ricardo Dal Farra, Hugo Fortes e Karla Brunet. Abril e maio, 2023.

do se distribuem e se misturam em um mashup em permanente movimento. O metaverso emerge como um espaço virtual tridimensional onde os usuários podem interagir, socializar e criar experiências únicas e onipresentes. Poética e estética são traduzidas e transformadas neste ambiente virtual compartilhado. Para apresentar a colagem de abordagens sobre a água que esta proposta gerou, escolhemos a plataforma espacial.io¹⁶ por possuir características que permitem uma experiência coletiva rica em recursos interativos e de fácil acesso de qualquer lugar do mundo.

As decisões estéticas e poéticas que emergiram das trocas nos sucessivos encontros realizados no OpenLab e além dele, definiram como construir a jornada sensível dentro desta ferramenta.

O ambiente resultante não apresenta complexidades para ser explorado, é um percurso limpo, sem obstáculos, mas cada elemento que o compõe ocupa um lugar significativo para desenrolar as narrativas da água, fluindo entre as extremidades do Deserto e Inundação.

As bolhas têm um papel contenedor e individualizador, em que cada artista participante põe em jogo uma combinação de sons e imagens que dialogam com quem caminha pelo seu interior, uma experiência líquida, uterina.

Não se pode apenas contemplar, há que percorrer, experimentar. As imagens projetadas em cada bolha fluem como uma cascata envolvendo o interator. Os sons estão ali dispostos espacialmente, de tal forma que quem faz o percurso, tanto dentro como fora de cada bolha, percebe o espaço sonoro e visual, experimentando sua própria mistura. Em cada bolha existe, também, a possibilidade de ouvir a voz do artista e isso é conseguido através da passagem/atravessamento por um objeto em forma de nuvem que desencadeia a fala, complementando a experiência imersiva e conferindo-lhe uma certa intimidade e singularidade.

O percurso por fora das bolhas se apresenta como um céu repleto de textualidade, palavras relacionadas às águas que emergiram das contribuições do coletivo de artistas. Estas palavras também fluem pelo espaço criando misturas de significados, mais poéticos, mais reflexivos, mais combativos, polissêmicos. Tudo é sustentado por uma base aquosa, fluida e móvel, e nos deslocamos pelo espaço com os pés na água. Os sons das bolhas, dependendo do local onde estamos, misturam-se em vários planos sonoros, criando uma nova experiência na deriva individual. O objetivo é apresentar uma poética da água como organismo vivo, algo em permanente movimento.

E como tudo flui como a água, no processo de construção e experimentação com o metaverso, emerge a criação de uma interface interativa e performative¹⁷. Esta disponibiliza os elementos que surgiram da proposta

16 <https://www.spatial.io/>

17 <https://openlab.space/interactivo/>



Fig. 1. Captura de tela do metaverso, interações de avatares. Fonte: Bia Santos. Desierto/Inundación, 2023.

original, mantendo os textos e sons, alterando, contudo, as imagens que foram produzidas pela inteligência artificial (IA) a partir do input de Desierto/Inundación em que trabalharam vinte e um artistas de forma co-elaborativa.

Nesta interface a característica é que os textos que derivam de palavras-chave fluem pela tela em forma de chuva ou cascata e podem ser clicados e ativados pelo usuário, obtendo um som

aleatório para cada palavra, criando assim, uma composição própria, irrepetível em cada ocasião, que por sua vez, dialoga com as imagens que vão se alterando continuamente no plano de fundo. Isso permite ao usuário obter uma experiência subjetiva, mas também, performar com a plataforma, utilizá-la como instrumento sonoro.

Por fim, a tudo isso soma-se a possibilidade de escutar duas obras sonoras complementares, criadas por Ricardo dal Farra e Marina Buj sobre a base de sons da referida Plataforma que se colocam em diálogo com os textos e as imagens. Esta interface permite contemplar, interatuar e performar.



Fig. 2. Fig. 3. Espaço IA Interativo Desierto/Inundación II.

Fonte: HolosCi(u)dad(e) | Desierto/Inundación. Criação Marcos Umpterrez, 2023.

GEPOÉTICA DO SOM “INCORPORADO”

O componente sonoro produzido de forma co-elaborativa foi articulado, em primeiro lugar, a partir dos conceitos de paisagem sonora ou soundscape, definido basicamente como ambiente sonoro (Schafer, 2013), e objeto sonoro, entendido como uma identidade auditivamente perceptível (Schaeffer, 2003). A partir da consideração desses elementos como uma forma mais profunda de observação do ambiente, decidiu-se que cada um dos vinte e um participantes coautores faria gravações de campo em torno do tema “Deserto-Inundação”.

Outro dos materiais que compõem a parte sonora da obra são as próprias vozes dos artistas que fornecem o som e trazem palavras significativas e textos poéticos relacionados ao tema tratado oralmente. Partindo da dialética entre inteligência artificial e inteligência humana, a incorporação de vozes aqui remete ao elemento humano, às diferentes visões subjetivas sobre o assunto. As vozes atuam como um elemento puramente sonoro, como fragmentos sonoros que proporcionam uma grande diversidade de timbres, alturas, ritmos, nuances e expressões, e, ao mesmo tempo, como um elemento semântico que fornece múltiplas camadas de significado à obra, derivado do conteúdo das palavras e textos criados. Por outro lado, as vozes também incorporam um elemento dramático e performativo, contribuindo com diferentes intenções e emotionalidades para a obra.

Esses componentes – paisagens sonoras, objetos sonoros, sonorização de palavras-chave e textos poéticos –, dispostos em diferentes locais do espaço virtual, em diálogo com as imagens e o espaço construído, formaram a matéria sonora bruta que ganhou vida no metaverso. Aqui quisemos brincar com a espacialidade do som, com a sobreposição de ambientes sonoros mutáveis e efêmeros, que o avatar vai escutando na sua deriva à medida que muda de localização e se move no espaço virtual.

O metaverso, embora seja um espaço de trânsito, de imersão digital, é “um universo online em permanente transformação, mutação e desenvolvimento” (Ball, 2020). É um ambiente simulado, de identidade digital e de socialização online, onde múltiplos usuários com um avatar pessoal (que funciona como a presença digital do corpo) podem explorar, movimentar livremente e habitar simultaneamente e de forma independente este mundo virtual. Aqui o espaço estende-se da vida offline à vida online e, nele, “o avatar funciona como presença digital do corpo e a arquitetura como espaço de convergência entre lugares físicos e lugares digitais” (Ríos-Llamas, 2022).

A criação sonoro-musical da obra interativa, com duração de pouco mais de dez minutos, foi realizada por Ricardo Dal Farra e Marina Buj a partir do banco de materiais sonoros elaborados pelos artistas participantes. Ambas as composições sonoras, em conjunto, funcionaram como gatilho para a seleção de imagens e palavras-chave, que adquirem outra dimensão diferente e ampliada no interativo.

Quando se trata da criação de Dal Farra, as vozes desempenham um papel dramático, considerando a gravidade do assunto, o ser humano. Estas vozes, que por vezes se repetem, nunca o fazem da mesma forma. Às vezes aparecem sutilmente alteradas, em outros casos aparecem radicalmente modificadas, a ponto de se tornarem praticamente irreconhecíveis. Sua origem se confunde para se transformar em algo novo. Dessa forma, formam-se linhas de forte tensão, que aparecem como sons longos e de tons escuros. São fluxos que acentuam a atual situação de crise ambiental e tentam alertar-nos para refletirmos e agirmos agora, reajustando o rumo sem esperar mais.

A composição sonora elaborada por Marina Buj foi feita com o programa Audacity, um software de acesso aberto e de manuseio simples e intuitivo. Do ponto de vista expressivo, as vozes funcionam aqui também como elemento dramático, que unifica os diferentes episódios da colagem sonora que pretende ser uma amostra da experiência vivida nas diferentes fases de gestação da obra em coautoria. É assim concebido como um testemunho do impacto das xenopaisagens na imaginação, na consciência e na vida cotidiana dos artistas participantes.



Fig. 4. Captura de tela dos seis canais que estéreos integram a segunda parte da composición sonora do interativo. Programa Audacity. Fonte: Marina Buj. Desierto/Inundación, 2023.

Alguns conceitos musicais norteiam a composição: a criação de texturas sonoras a partir da sobreposição de paisagens sonoras complementares; a busca de ecos e contrapontos de vozes; o jogo com diferentes densidades e intensidades sonoras; a repetição e contraste de sons. A ideia de contraste entre sons da natureza e sons urbanos, bem como entre diferentes tipos de vozes, também está presente. A voz, descontextualizada e recontextualizada, dialoga com as paisagens sonoras.

MÉTODOS E CONCEITOS EMERGENTES

O método de trabalho adotado pelo coletivo considera diferentes modalidades de interação remota entre os participantes do workshop OpenLab acerca da temática Deserto/Inundación. Inclui, ainda, um elemento disruptivo - a inteligência Artificial (IA), que se baseia no uso de algoritmos para gerar imagens a partir de palavras e/ou imagens.

A definição do conceito da obra artística é processual e explicada no diagrama de "caso de uso" no qual são apresentadas, além das fases do procedimento, as ações, as atividades

dos participantes (artistas, professores e pesquisadores que definiremos como atores), o tipo de ação que é proposta para realizar o trabalho co-elaborativo. A Figura 6 mostra o sistema de criação, seus subsistemas e fases, não necessariamente sequenciais.

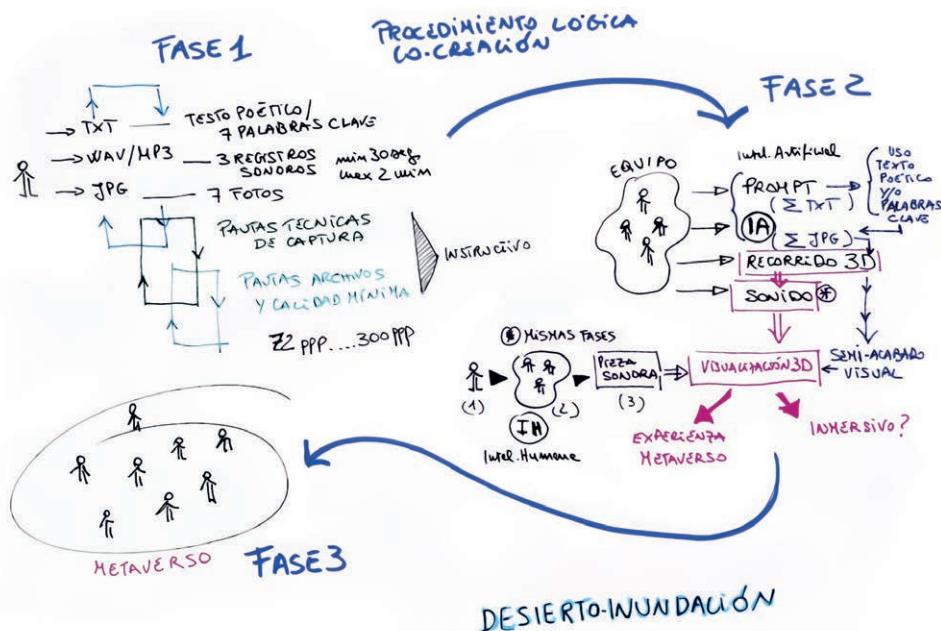


Fig. 5. Diagrama da obra co-elaborativa. Fonte: Deserto/Inundación.
Liliana Fracasso. Openlab, 2023.

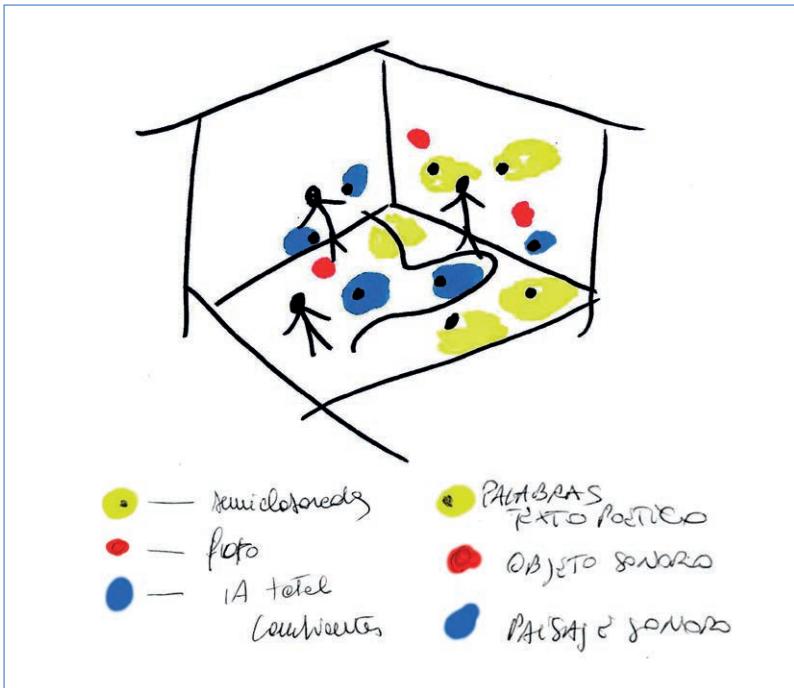


Fig. 6. Diagrama metaverso. Fonte: Desierto/Inundación. Liliana Fracasso, 2023.

Na primeira fase, os atores são chamados por meio de um protocolo para gerar seus registros. Os requisitos técnicos são muito básicos e requerem o uso de ferramentas e dispositivos. Nesta

fase, os curadores e coordenadores recomendam que a produção dos registros (sonoro e fotográficos) sejam fruto de uma relação direta e sensível com o lugar, especialmente onde as evidências empíricas revelam situações climáticas extremas e impactantes, em diferentes campos e âmbitos.

Na fase dois a curadoria e coordenação recebem os registros dos atores e organiza-se a base de dados que permanecerá acessível a todos.

O objetivo desta fase é reunir a “matéria-prima” que compõe a obra Desierto/Inundación para criar sucessivamente produções digitais baseadas na experiência e uma narrativa in primis subjetiva. As imagens, palavras-chave, sons e vozes geradas por cada ator são disponibilizadas a todo o grupo para a produção de peças “semi-acabadas”.

Os “semiacabados” são produções multimídia parciais, que apresentam uma unidade estética, narrativa e semântica construída por um desenvolvedor,

a partir das contribuições pessoais de cada ator, sob a orientação do grupo coordenador. Os “semi-acabados” que foram produzidos individualmente e em subgrupos de trabalho, consistem em:

- a) produções digitais de vinte e um mashups criados a partir da seleção e composição (humana) de imagens, vozes, objetos ou paisagens sonoras (autoria de cada ator) presentes na base de dados.
- b) produção de duas peças sonoras principais, estruturantes das narrativas visuais, compostas (por humanos) a partir de vozes, objetos e paisagens sonoras escolhidas livremente na base de dados.
- c) criação de imagens generativas produzidas com uso de IA (não humana) a partir de palavras-chave e/ou imagem escolhida livremente no banco de dados, ajustando parâmetros e textos de *prompt* (humanos).
- d) criação de animações de vídeo geradas com IA (não humana) a partir de palavraschave.
- e) ou imagem escolhida livremente no banco de dados, ajustando parâmetros e textos de *prompt* (humanos).

O diagrama (fig. 6) mostra a ideia inicial da experiência no metaverso: ação, tipo de ação e relacionamentos. Nele o espaço é representado como um tetraedro marcado pela presença de diferentes elementos específicos, que na produção se transformam em semiesferas (ou bolhas) nas quais é possível viver uma experiência imersiva. Na produção será proporcionada a possibilidade de “entrar em cada ponto” – espaços semi-esféricos ou bolhas imersivas – para ver e ouvir e depois explorar uma constelação de espaços finitos, as vinte e uma bolhas – cada uma com a sua unidade narrativa, estética e semântica.

Os produtos semiacabados suscitaram, por um lado, algumas decepções estéticas e, por outro, dificuldades técnicas de inclusão no metaverso, devido às limitações impostas pela ferramenta utilizada para criar o espaço virtual.

Na fase três, a composição espacial, o metaverso e o componente interativo do espectadorobra são resolvidos, respectivamente.

Nesta fase do processo de criação, os produtos semi-acabados elaborados na fase dois, anteriormente referidos, ganham forma e unidade narrativa e semântica global (com carácter transmedia e crossmedia), cumprindo assim as demandas suscitadas em Desierto/Inundación. Na fase três, os semi-acabados no espaço do metaverso são obras digitais “projetadas” nas superfícies internas das bolhas onde é possível entrar com o próprio avatar, enquanto é possível escutar a mescla de sons sugestivos, relacionados a cada contexto/território de cada ator.

XENOPAISAJES DE DESIERTO/INUNDACIÓN: “GRITOS AMARGOS”¹⁸ SOBRE O PLANETA

Os registos visuais e sonoros que capturam de forma subjetiva e sensível as evidências empíricas associadas à questão das alterações climáticas globais e ao Antropoceno – falam-nos de eventos extremos nos elementos da natureza, especialmente na água – devido à sua escassez, ausência, essência, abundância, ameaça, política de gestão - fogo, terra, ar, homem. Com as linguagens da arte, os registros visuais e sonoros trazem consigo a possibilidade de discutir o dinamismo e a aceleração dos fenômenos que afetam lugares próximos, específicos, íntimos, comunitários, afetivos e significativos para cada um.

Com uma perspectiva “glocal” que o grupo adota, gera-se um discurso plural não-hegemônico sobre as experiências e ameaças vivenciadas nos diversos países de origem (Brasil, Colômbia, Espanha, Itália, Uruguai, Canadá, Argentina), um “grito amargo” é levantado sobre o planeta. As percepções subjetivas sobre os diferentes gradientes das mudanças climáticas, entre os extremos “deserto” e “inundação”, representam uma forma de conhecimento supostamente situado, que em conjunto configura um mapa de eventos em que, no entanto, a geolocalização perde sentido.

EXPLORAR AS BOLHAS

As xenopaisagens emergem do processo de interação e iteração, entre subjetividades e objetivações estético-cognitivas que ocorrem precisamente para além da encruzilhada dos percursos e antes, nos limiares das representações e nas composições sonoras. Correndo de uma bolha para outra, se entrelaça a ação discursiva não-hegemônica e se conecta o emergente. Dessa forma cada bolha “explode” e a subjetividade transborda na multiplicidade de temas, casos, histórias, lugares, experiências e relações intersubjetivas. Esse movimento é o que a obra propõe e que é oferecido ao visitante ou ator-actante:

- a possibilidade de viver uma experiência imersiva, diferente em cada vinte e um dos distintos pontos (ou bolhas) dependendo de quem é o autor dos registos (humano ou não humano) e do mashup foto-áudio, texto poético, imagens geradas com IA, paisagens sonoras, percebendo, ao mesmo tempo, que o que acontece entre uma bolha e outra é igualmente relevante ao que acontece em seu interior;

¹⁸ A expressão retoma o texto “Gritos amargos sobre la ciudad” de Horacio Capel, Horacio. Dibujar el mundo. Ediciones del Serbal, Barcelona, 2001. p.115-147.

- a possibilidade de viver uma experiência interativa: os produtos semiacabados são reabertos num jogo de palavras-chave e imagens, que se transformam em chuva, que cai sobre as xenopaisagens, misturando-se com vozes, sons e o “grito amargo” sobre o planeta.

CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO: ORGANISMO VIVO CONTRA NECROSE

Desierto/Inundación é uma proposta artística imersiva e interativa que, coerentemente com a natureza do coletivo de pesquisa HolosCi(u)dad(e), se manifesta de forma diferenciada dependendo do uso dos registros e dos produtos semiacabados em seu processo de co-criação. A obra co-autoral oferece múltiplas modalidades de fruição: videoinstalação, realidade virtual, trabalho interativo, videoconferência, cartaz, entre outras que completam e complementam a experiência, a poética e a comunicação do Antropoceno e suas nuances nas diferentes latitudes do mundo.

O exposto consagra uma postura crítica e interroga o conhecimento “situado” –quando designa a certeza-do-próprio (ou autocerteza)– que é questionado e rompido com o uso da IA (o que é próprio e o que é estrangeiro? O que é real e o que é virtual? O que é verdadeiro e o que é falso?) sendo capturado nas paisagens sonoras, expressão de nossa ação planetária deslocada.

A Babel das palavras e das visões de mundo é o utópico e o distópico, o humano e o nãohumano, o óbvio e difícil, o banal e o profundo, que se entrelaçam, restaurando na Internet o reflexo de uma cultura digital que se produz a partir de si, até o limite extremo de falar uma língua morta (a do chatGPT) e de olhar sem ver, que há imagens sem imaginação, producidas por modelos generativos.

A IA é apresentada como uma realidade disruptiva que evolui rapidamente dia após dia, que restaura ilustrações quase caricaturais, predominantemente distópicas, com escassos resultados de imagens abstratas, ou de baixa qualidade estética e substantiva. No entanto, a exploração merece uma análise crítica dentro da cultura digital, pois abre uma questão muito complexa que, para além dos problemas específicos da nossa experiência visual no metaverso, *Desierto/Inundación* levanta questões éticas, conjunturais e estruturais mais graves, que pertencem a um sistema-mundo, numa crise global que, lamentavelmente, banaliza a sua condição.

REFERÊNCIAS

- Ball, Mathew. (2020) The Metaverse: What It Is, Where to Find it, and Who Will Build It. En: MatthewBall, 13 de enero Recuperado de: <https://www.matthewball.vc/all/themetaverse>
- Capel, Horacio (2001). Dibujar el mundo. Barcelona: Ediciones del Serbal p.115-147.
- Ríos-LLamas, C. (2022) Habitar el metaverso mediante la continuidad del cuerpo/avatar en lugares virtuales COMMUNICATION PAPERS –MEDIA LITERACY & GENDER STUDIES– Vol.11 – Nº23 |17, octubre | REVISTA.
- Schaeffer, Pierre (2023). Tratado de los objetos musicales. Alianza Editorial
- Schafer, R.M (2023). El paisaje sonoro y la afinación del mundo. Barcelona: Intermedio Editores

Desierto/Inundación: un grito amargo¹ de Gaia^{2,3}

José Prieto Martín⁴, Vega Ruiz Capellán⁵, Bia Santos⁶, Lilian Amaral⁷

INTRODUCCIÓN

¿Qué se supone que debemos hacer ante una crisis ecológica que no se parece a ninguna crisis bélica o económica que hayamos conocido y a cuya escala, si bien sin duda es formidable, estamos de algún modo acostumbrados porque su origen es humano, demasiado humano? ¿Qué hacer cuando se nos dice, día tras día y de maneras cada vez más

1 El término "*Grito amargo*" retoma el texto "*Gritos amargos sobre la ciudad*" de Horacio Capel en *Dibujar el mundo*. Ediciones del Serbal, Barcelona, 2001. p.115-147.

2 Gaia, Gea, Pachamama o Madre Tierra, son nombres que evocan a la diosa de la naturaleza en diversas culturas, James Lovelock decidió nombrar de la misma manera al planeta Tierra. En 1969 el químico Lovelock ideó la hipótesis Gaia (publicada en 1979) es un modelo interpretativo que afirma que la presencia de la vida en la Tierra fomenta unas condiciones adecuadas para el mantenimiento de la biosfera. Según la hipótesis Gaia la atmósfera y la parte superficial del planeta Tierra se comportan como un sistema donde la vida, su componente característico, se encarga de autorregular sus condiciones esenciales tales como la temperatura, composición química y salinidad en el caso de los océanos. Gaia se comportaría como un sistema autorregulado, que tiende al equilibrio. La hipótesis fue apoyada y extendida por la bióloga Lynn Margulis.

3 Publicado en AACADigital nº 65 diciembre 2023: <https://www.aacadigital.com/contenido.php?idarticulo=2133>

4 Docente del grado en Bellas Artes de la Universidad de Zaragoza. Miembro de OAAEP, IPH y de Holosci[u]dad[e].

5 Artista plástica y miembro de Holosci[u]dad[e].

6 Docente del grado en Bellas Artes de la Universidad de Zaragoza. Miembro de OAAEP y de Holosci[u]dad[e].

7 Docente investigadora junto al PPG Humanidades, Derechos y otras Legitimidades – FFLCH y DIVERSITAS / USP. Investigadora Principal de Holosci[u]dad[e].

estridentes, que nuestra civilización actual está condenada y que hemos alterado tanto la Tierra misma que no hay forma de que vuelva a ninguno de los diversos estados estacionarios del pasado? ¿Qué hacemos cuando leemos, por ejemplo, un libro como el de Clive Hamilton titulado *Réquiem para una especie? Cambio climático: ¿por qué nos resistimos a la verdad?*, ¿y la especie en cuestión no es el dodo ni la ballena, sino la nuestra, es decir, ustedes y yo? (Latour, 2012, p. 67).

DESERIETO/INUNDACIÓN (2023) es una producción artística en red que reflexiona sobre el acelerado cambio climático a nivel mundial, teniendo en cuenta, los paisajes afectados en diferentes lugares del planeta, por la ausencia o el exceso de agua (desierto/inundación). Dado que creemos que la crisis del cambio climático mundial está relacionada de forma inextricable con el agua (carencia o exceso). Siendo este elemento el dispositivo detonante y el centro de investigación, de co-creación, de co-elaboración y de exploración multisensorial del Grupo Internacional e Interinstitucional de Co-investigación y Co-creación en Arte, Ciencia y Tecnología en Red HolosCi[u]dad[e].

HolosCi[u]dad[e] es una plataforma internacional de artistas de: Brasil + Colombia + España + Uruguay + Italia + Argentina, que comenzó su andadura en el año 2018, en el contexto del SIIMI – MediaLab BR – Universidade Federal de Goiás (Brasil), con una serie de proyectos de co-investigación y co-creación en red, buscando proponer, analizar y articular líneas de trabajo que suelen ser tratadas por separado: desde las prácticas artísticas en un contexto relacional; a la aprehensión crítica de la experiencia artística a partir de la reflexión teórica. El grupo dispone



Fig. 1. Imagen: Talleres internacionales – OpenLab DESERIETO/INUNDACIÓN. Sección online (verano 2023). Fuente: Red HolosCi[u]dad[e].

de una plataforma web –<http://holos.espai214.org>– como un repositorio en línea donde los archivos de las acciones realizadas se comportan como un organismo vivo en el ciberespacio, permitiendo la aportación de los distintos colectivos que participan. Este repositorio en línea pretende ser un catalizador de acciones e información, para contribuir en las redes con colaboraciones, conectando con otras redes y organismos dentro del ciberespacio. Otro rasgo de HolosCi[u]dad[e] es el uso de estructuras telemáticas asociadas a la creación de conexiones preparadas para recibir/procesar/enviar información en constante devenir, que define, a priori, la dinámica del trabajo procesual de carácter co-elaborativo, co-autoral y co-investigativo, en el contexto iberoamericano contemporáneo. Como resultado de todo esto tenemos distintos trabajos de investigación (obras, publicaciones, producciones e investigaciones) en coautoría como: Paredão Automotivo (2018), Paisajes Virales⁸ (2020), INLETS (2021), OpenSpace (2021/2022) y DESIERTO/INUNDACIÓN (2023).

DESIERTO/INUNDACIÓN. Para construir este proyecto-proceso se realizaron encuentros virtuales durante varios meses en el workshop internacional de co-creación de narrativas sonoro-visuales OpenLab. DESIERTO/INUNDACIÓN es el resultado de las inmersiones desarrolladas en OpenLab, donde se propuso un diálogo entre la experiencia humana, mediante el registro de imágenes y sonidos recogidos en el territorio (lugar), por 21 artistas/investigadores/as⁹. Con el uso de la tecnología y a través de la Inteligencia Artificial¹⁰ generativa, se creó una obra mutante y abierta sobre el cambio climático, mediante un proceso

8 Propuesta abierta y procesual de co-creación sonido-visual en el ámbito de la Exposición Internacional de Arte Sonoro #HD19, Medellín 2020. Obra compuesta por grabaciones sonoras recopiladas en varias ciudades iberoamericanas asociadas a objetos visuales que complementan y potencian el sonido e interacciones. Hay ciertos tipos de resistencias asociadas a estos objetos visuales, desde lo íntimo, lo introspectivo, hasta lo público, lo colectivo, lo compartido. Cinco experiencias sonoro visuales realizadas durante la pandemia de COVID - 19 que nos localizan y nos trasladan del local de confinamiento a una experiencia globalizada.

9 Artistas participantes – <https://www.espai214.org/holos/desertoinundacion/>

Artistas Coordinadores participantes: Lilian Amaral - Comisariado y Coordinación General (Brasil); Bia Santos - Comisariado y Coordinación General (España / Brasil); Marcos Umpiérrez - Desarrollo técnico (Uruguay); Liliana Fracasso - Coordinación General (Italia); Marina Buj - Paisaje sonoro (España); Ricardo dal Farra - Paisaje sonoro (Canadá / Argentina); José Prieto - Coordinación General (España); y, Vega Ruiz - Coordinación General (España).

Artistas participantes: Laurita Ricardo de Salles (Brasil); Mirian Celeste Martins (Brasil); Suzete Venturelli (Brasil); Brenda Marques Pena (Brasil); Luis López Casero (Brasil); Paula Carolei (Brasil); Daniel Toso (España / Argentina); Matheus Montanari (Brasil); Ivan David (Brasil); Carina Flexor (Brasil); Fernando Palacios (Brasil); Luisa Fernanda Giraldo Murillo (Colombia); y, Karla Brunet (Brasil).

10 Inteligencia Artificial (IA) término acuñado en la primera conferencia sobre IA en la Universidad de Dartmouth (Massachusetts) organizada por John McCarthy en 1956.

de construcción de paisajes poéticos --XENOPAISAJES-- en el espacio virtual, generando un trabajo co-elaborativo y participativo.

XENOPAISAJES son, por tanto, campos de interacción en pantallas, metaversos, flujos de datos que circulan a través de las redes. Pero XENOPAISAJES son también entornos físicos donde interactúa lo natural con lo artificial, lo construido con lo imaginado, los ecosistemas con las acciones que destruyen el ambiente (Festival Internacional de la Imagen, 2023).

El resultado final es una trilogía formada por: DESIERTO/INUNDACIÓN (versión I), DESIERTO/INUNDACIÓN (versión II), e INVENTARIO¹¹, que cuando se muestran en el espacio expositivo generan unos encuentros de activación entre los artistas/investigadores y el público. Estos encuentros abiertos y en línea, presentan la obra y los procesos de investigación creativa con la participación de los artistas co-autores desde sus distintos países. Y, además se presentan derivas cartográficas: recorridos en distintas ciudades para la creación de una acción de arte público con la captación de imágenes vinculadas con las cuestiones de la crisis ambiental y el cambio climático para su proyección en el espacio expositivo. Del 14 de marzo al 12 de abril de 2024 se realizó la primera muestra en España, en la Sala de Exposiciones del Vicerrectorado del Campus de Teruel (Universidad de Zaragoza), y se publicó en la plataforma Holos. Además, el proyecto ha recibido una mención de la Fundación LA POSTA¹² de Valencia y en el primer semestre de 2025 se realizará una exposición en la sede de esta Fundación en Valencia.

11 El día 29 de mayo de 2023 Lilian Amaral impartió la conferencia DESIERTO/INUNDACIÓN en la apertura del Festival Internacional de la Imagen en Manizales (Colombia), introduciendo el proyecto en su primera versión (metaverso). El 22 de septiembre, Lilian Amaral y Marcos Umpiérrez presentaron la versión II de Desierto/Inundación, un interactivo performativo en el auditorio del Museu Nacional da República, en Brasilia (Brasil). Y el día 29 de septiembre Bia Santos impartió la charla “HOLOSCI[U]DAD[E] _ DESIERTO/INUNDACIÓN Proyecto artístico co-elaboratorio de exploración multisensorial a través de los paisajes afectados por el acelerado cambio climático en diferentes lugares geográficos” en el Museo Provincial de Teruel dentro del evento de la Noche Europea de los Investigadores e Investigadoras. Actividad, organizada por la Unidad de Cultura Científica y de la Innovación (UCC+i) y la Oficina de Proyectos Europeos (OPE) del Vicerrectorado de Política Científica de la Universidad de Zaragoza, y está enmarcado dentro del proyecto: European Researchers’ Night.

12 Fundación La Posta. Centro de Investigación de la Imagen, nació el 12 de junio de 2013, como una entidad sin ánimo de lucro y con una fuerte orientación hacia el servicio a los ciudadanos. Está formada por un equipo de profesionales de primer nivel, y basa su fuerza en el establecimiento de alianzas con otros entes y fundaciones que operan igualmente en el campo del arte contemporáneo con especial dedicación al audiovisual.



Fig. 2. Imagen. Captura de pantalla. Fuente: HolosCi(u)dad(e) | Deserto/Inundación.
Creación: Lilian Amaral, 2023.

DESIERTO/INUNDACIÓN (VERSIÓN I)

Es un espacio de inmersión compuesto por 21 narrativas sonoro-visuales y textuales, procedentes de diferentes lugares geográficos del mundo especialmente sensibles a esta problemática, que componen un ambiente de experimentación y exploración multisensorial, que se ha integrado en la programación del XXII Festival Internacional de la Imagen¹³, XENOPAISAJES, celebrado en Manizales y Bogotá, (Colombia) entre mayo y junio de 2023.

Para realizar el proyecto DESIERTO/INUNDACIÓN (versión I) los 21 investigadores/as participantes recolectaron, capturaron, recogieron y registraron de manera individual y subjetiva muestras sonoras (objetos sonoros), su voz (con palabras clave y narrativas individuales), e imágenes de lugares físicos, de territorios que tienen una identidad relacional e histórica. Los lugares, para el antropólogo Marc Augé, “tienen por lo menos tres rasgos comunes. Se consideran (o los consideran) identificatorios, relacionales e históricos” (Augé, 2000, p. 58). Otro rasgo común de todos estos territorios es que están afectados por la crisis del cambio climático mundial, que ha alterado los patrones climáticos fa-

13 El eje temático del XXII Festival Internacional de la Imagen que se realizó del 29 de mayo al 1 de junio de 2023 en Manizales y los días 2 y 3 de junio en Bogotá. ‘Extranjero’ y ‘foráneo’, eso significa XENO. De ahí que invitar a pensar en XENOPAISAJES signifique dialogar en torno a los espacios no convencionales, a lugares distintos que hoy se han vuelto cotidianos, gracias a las nuevas formas de habitar las ciudades y el mundo. Los flujos de información que hoy transitan en nuestros espacios generan nuevos territorios que apenas somos capaces de percibir.



Fig. 3. Imagen. Fotografía del cauce del río Turia (después de una inundación) a su paso por la ciudad de Teruel, verano de 2023. Fuente: HolosCi(u)dad(e) | Desierto/Inundación. Creación: José Prieto.

voreciendo las sequías, los desiertos (ausencia de agua), el deshielo, el aumento del nivel del mar y las inundaciones (exceso de agua). Todo el material recogido se ha almacenado y organizado en una base de datos accesible para todos los artistas/investigadores/as, para con ella crear este proyecto-proceso artístico co-elaborativo que ha generado un no lugar, este concepto también fue creado por Marc Augé, lo definió como un espacio de tránsito. "El espacio del viajero sería, así, el arquetipo del no lugar" (Augé, 2000, p. 91).

Pero, nuestro no lugar, aunque es un espacio de tránsito, es un espacio de inmersión digital, es un metaverso, que brinda una experiencia compartida y persistente que abarcará desde nuestro mundo real hasta el totalmente virtual. En la novela de Stephenson "Snow Crash", de 1992, ya se hablaba de la creación de unos universos virtuales donde todos los seres humanos co-habitariamos entre el plano físico y el plano real.

Así que Hiro en verdad no está ahí. Está en un universo generado informáticamente, que el ordenador dibuja sobre el visor y lo lanza a través de los auriculares. En la jerga de los entendidos, ese lugar imaginario se denomina Metaverso. Hiro pasa mucho tiempo en el Metaverso. No tiene ni punto de comparación con el Guarda Trastos (Stephenson, 2000, p. 26).

El metaverso es "un universo online en permanente mutación, cambio y desarollo". (Ball, 2020), un ambiente simulado, de identidad digital y de



Fig. 4. Imagen generada por Inteligencia Artificial Runway (<https://runwayml.com/>) partiendo de la fotografía del cauce del río Turia (después de una inundación) a su paso por la ciudad de Teruel, verano de 2023. Fuente: HolosCi(u)dad(e) | Desierto/ Inundación. Creación: José Prieto.

socialización online, donde múltiples usuarios con un avatar personal (que funciona como la presencia digital del cuerpo) y, de manera simultánea e independiente, pueden explorar, desplazarse libremente y habitar este mundo virtual en él que el espacio se prolonga desde la vida *offline* a la vida *online* y en él que “el avatar funciona como la presencia digital del cuerpo y la arquitectura como un espacio de convergencia entre lugares físicos y lugares digitales” (Ríos-Llamas, 2022).

El resultado final es un xenopaisaje (programado y generado por Marcos Umpiérrez y comisariado por Lilian Amaral), conformado por 21 burbujas (cada una encierra los registros visuales y sonoros de un autor/a), a través de sus membranas nuestro avatar puede acceder a su interior y vivir una experiencia inmersiva, diferente en cada burbuja, sintiendo, al mismo tiempo que lo que ocurre entre una burbuja y la otra es igualmente relevante; la posibilidad de vivir una experiencia interactiva. Sobre las burbujas las palabras clave se transforman en lluvia y caen en el xenopaisaje, mezclándose con las voces y los sonidos. El xenopaisaje se nos presenta como una invitación a escuchar lo que Bruno Latour denomina como el “grito de la tierra”, esa llamada al poder de acción de las personas y las comunidades que permite alterar y transformar sus pequeños entornos, logrando con ello un movimiento de regeneración de los ecosistemas que posibilitan su supervivencia.

DESERIETO/INUNDACIÓN (VERSIÓN II)

Para desarrollar este trabajo se propuso un diálogo entre la experiencia humana (donde la imagen fotográfica es la expresión de un instante), y la tecnología a través de la Inteligencia Artificial (reproductibilidad técnica). Dado que la IA y el metaverso son dos tecnologías de diferente naturaleza, dos mundos paralelos que están destinados a influirse. Para ello los 21 co-autores/as generaron imágenes con IA (sirviéndose de imágenes + palabras + textos poéticos) que dejaron de ser un reflejo de la realidad del lugar, para ser parte de una obra generativa, híbrida, mutante y abierta. Se creó así un interactivo que presenta versiones híbridas sonoro/visuales y textuales basadas en la exploración y articulación del banco de datos compuesto por textos, narrativas individuales, e innumerables imágenes, que tienen su raíz en el territorio, en el lugar y que nos sirven como documento para autentificar el mundo observado, plasmando la visión personal de los 21 investigadores/as.

Además, con los innumerables sonidos grabados en el lugar, teniendo en consideración la importancia del contexto espacial en el que se producen, con las palabras-clave, las narrativas individuales y la voz registrada de los/as co-autores/as (almacenadas y organizadas en el banco de datos) se creó un paisaje sonoro. Esta creación sonoro-musical de la obra interactiva, corrió a cargo de Ricardo Dal Farra y Marina Buj. En ella las voces adquieren un papel dramático, considerando la gravedad del tema, a veces se repiten, pero nunca lo hacen de la misma manera. En otras ocasiones aparecen sutilmente alteradas, o radicalmente modificadas, hasta el punto de volverse prácticamente irreconocibles. Su origen se confunde para transformarse en algo nuevo. De esta manera se forman líneas de fuerte tensión que aparecen como sonidos largos y de tonos oscuros. Son flujos que acentúan la situación actual de crisis ambiental y tratan de alertarnos para reflexionar y actuar ahora, reajustando el rumbo sin esperar más. Se concibe, así como un testimonio del impacto de los XENOPAISAJES en la imaginación, la conciencia y la vida cotidiana de los/as investigadores/as participantes.

El resultado es un espacio Interactivo (en una nueva burbuja la 21) – Performance (sonoro visual) / concierto sonoro, en el que distintos usuarios pueden participar a partir de la interacción con sus móviles (permitiéndoles el acceso y la utilización de los dispositivos sonoros accionados por las palabras-clave de la obra interactiva). Esta versión fue presentada como Performance en el Encuentro Internacional de Arte y Tecnología Interactiva - #22ART - <https://emmeio15.medialab.unb.br/> - en conjunto con el X SIIMI – Simposio Internacional de Innovación y Medios Interactivos, así como, en la Exposición EmMeio#15, realizada en el Museo Nacional de la República, Brasilia, entre 21 de septiembre y 21 de octubre de 2023 <https://emmeio15.medialab.unb.br/performances-projecao>



Fig. 5. Fig. 6. Espacio Interactivo Desierto/Inundación II. Fuente: HolosCi(u)dad(e) | Desierto/Inundación. Creación: Marcos Umpiérrez, 2023.

INVENTARIO

Es un conjunto de imágenes agrupadas y combinadas a partir de la catalogación generada entre el agente humano (producción de los 21 artistas participantes de la obra co-autoral) y sistemas de I.A. Esta colección de datos Matheus da Rocha Montanari la ha estructurado según un modelo que refleja sus relaciones y su organización. Por lo que, los conjuntos de imágenes agrupadas parten de las estructuras de las imágenes; de sus relaciones temáticas y formales; y en que cada proceso clasificatorio genera matrices para nuevos agenciamientos. El artista, según el crítico de los media Arlindo Machado (2007), sería quien se apropiara de determinado medio y lo recontextualiza, o,

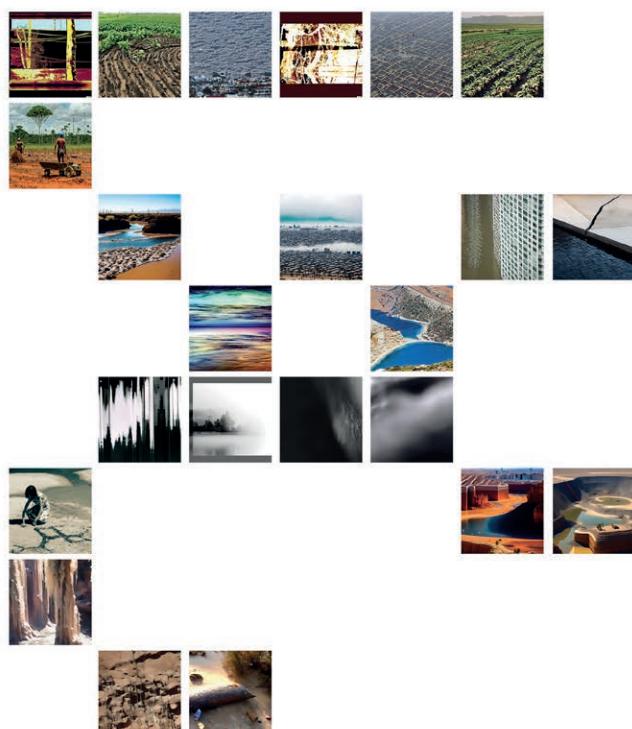
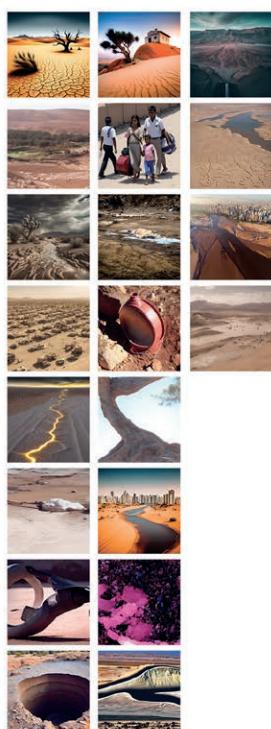
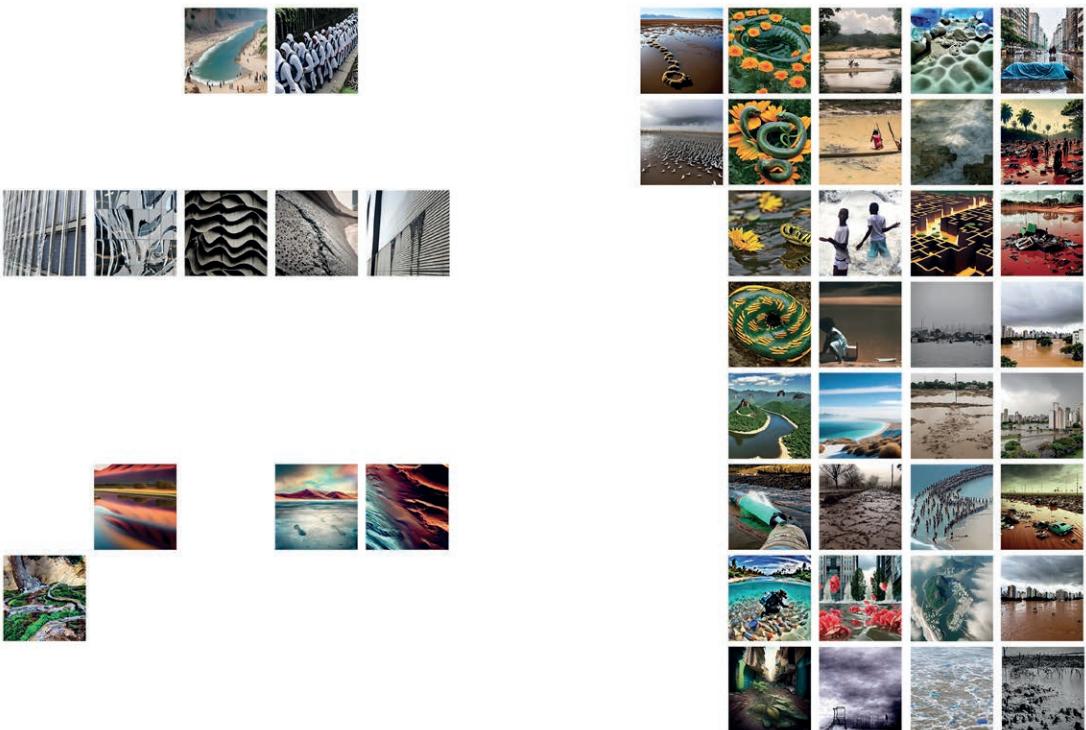


Fig. 7. Fig. 8. Imágenes de inventario. Desierto/Inundación.
Fuente: HolosCi[u]dadu[e]

hasta mismo, lo subvierte, utilizando las características intrínsecas del medio para tal finalidad. El resultado es un laberinto visual, una composición poética hecha de manera que las imágenes puedan verse al derecho y al revés y de otras maneras formando una armonía y un sentido.



CONCLUSIÓN

Desierto/Inundación es una propuesta artística inmersiva e interactiva que propone el grupo de investigación internacional HolosCi(u)dad(e). La obra en coautoría parte de la recolección y registro de materiales (visuales y sonoros) del lugar físico de territorios que tienen una identidad relacional e histórica, que están afectados por la alteración de los patrones climáticos que han provocado la crisis del cambio climático mundial favoreciendo las sequías, los desiertos (ausencia de agua), el deshielo, el aumento del nivel del mar y las inundaciones. Generando un no lugar, un espacio de tránsito, un espacio de inmersión digital, un metaverso, que brinda una experiencia compartida y persistente que abarcará desde nuestro mundo real hasta el totalmente virtual. Además, en este proyecto-proceso también está presente la IA (Inteligencia Artificial) ya que la IA y el metaverso son dos tecnologías de diferente naturaleza, dos mundos paralelos que están destinados a influirse. Por todo ello, en esta obra se propone un diálogo entre la experiencia humana y la tecnología a través de la IA creando una obra generativa, mutante y abierta.

REFERENCIAS

- Auge, Marc (2000): Los no lugares. Espacios del anonimato. Una antropología de la sobre modernidad. 5^a edición. Barcelona: Gedisa S.A.
- Ball, Mathew (2020): The Metaverse: What It Is, Where to Find it, and Who Will Build It. En: Matthew Ball, 13 de enero. Recuperado el 15 de diciembre de 2023: <https://www.matthewball.vc/all/themetaverse>.
- Capel, Horacio (2001): Dibujar el mundo. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001, p. 115-147.
- Coccia, Emanuele y AÏT-TOUATI, Frédérique (eds. 2023): El grito de Gaia. Pensar la tierra con Bruno Latour. Buenos Aires: Miluno.
- Latour, Bruno (2012): Esperando a Gaia. Componer el mundo común mediante las artes y la política en Cuadernos de Otra Parte, Revista de Letras y Artes, núm. 26, Buenos Aires p. 67. Recuperado el 15 de diciembre de 2023: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/124-GAIA-SPEAP-SPANISHpdf.pdf>
- Lovelock, James (1979): Gaia. A New Look at Life on Earth. Oxford University Press.
- (1985). Gaia, una nueva visión de la vida sobre la Tierra. Barcelona: Ediciones Orbis.
- (1993): Las edades de Gaia. Barcelona: Editorial Tusquets.

- (2007): La venganza de la tierra. La teoría de Gaia y el futuro de la humanidad. Barcelona: Editorial Planeta.
- Lovelock, James; Margulis, Lynn; Atlan, Henry; Varela, Francisco y otros (1989). GAIA. Implicaciones de la nueva biología (3^a edición). Barcelona: Editorial Kairós.
- Machado, Arlindo (2007): El sujeto en la pantalla. Barcelona: Ediciones Paido.
- Margulis, Lynn (2003): Una revolución en la evolución. Valencia: Collecció Honoris Causa. Universitat de Valencia.
- Ríos-Llamas, Carlos (2022): Habitar el metaverso mediante la continuidad del cuerpo/avatar en lugares virtuales COMMUNICATION PAPERS – MEDIA LITERACY & GENDER STUDIES– Vol. 11 – Nº: 23 |17 de octubre. Universitat de Girona.
- Schaeffer, Pierre (2023): Tratado de los objetos musicales. Madrid: Alianza Editorial.
- Schafer, R. Murray (2023): El paisaje sonoro y la afinación del mundo. Barcelona: Intermedio Editores.
- Stephenson, Neal (2000): Snow Crash. Barcelona: Editorial Gigamesh.
- Festival Internacional de la Imagen (2023): ¿Qué son los XENOPAISAJES? En Quehacer.co, Manizales (Colombia), 27 de mayo. Recuperado el 15 de diciembre de 2023: <https://www.quehacer.co/que-son-los-xenopaisajes/>

WEB

- <http://holos.espai214.org/>
- <https://openlab.space/interactivo/>
- <https://www.spatial.io/s/Desierto-inundacion-6475e4177ba0e76e3a1736df?share=8140543362655784075>
- <https://festivaldelaimagen.com/es/programacion-manizales-2023/>
- <https://festivaldelaimagen.com/es/programacion-bogota-2023/>

Desierto/Inundación: crisis climática, acciones artivistas y entornos digitales¹

Liliana Fracasso², Lilian Amaral³ y Fabiane Santos⁴

INTRODUCCIÓN

HolosCi[u]dad[e] es una plataforma internacional de artistas de: Brasil + Colombia + España + Uruguay + Italia + Argentina + Canadá, que comenzó su andadura en el año 2018, en el contexto del SIIMI – MediaLab BR –Universidade Federal de Goiás (Brasil), con una serie de proyectos de co-investigación y co-creación en red, buscando proponer, analizar y articular líneas de trabajo que suelen ser tratadas por separado: desde las prácticas artísticas en un contexto relacional; a la aprehensión crítica de la experiencia artística a partir de la reflexión teórica.

El grupo dispone de una plataforma web –<http://holos.espa214.org>– como un repositorio en línea donde los archivos de las acciones realizadas se comportan como un organismo vivo en el ciberespacio, permitiendo la aportación de los distintos colectivos que participan. HolosCi(u)dad(e), de esta manera, viene a configurarse como un espacio de experimentación colectiva en red, para la construcción de lugares de existencia y proyección de futuros posibles en tiempos de profundas y aceleradas mutaciones en el paisaje y en las ciudades contemporáneas que pertenecen a un mundo globalizado y al mismo

1 Publicado en : EX±ACTO. VI Congreso INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTES VISUALES ANIAV 2024. 3-5 de julio 2024, Valencia Doi: <https://doi.org/10.4995/ANIAV2024.2024.18294>

2 Docente Academia de Belas Artes de Veneza (Italia) y miembro de HolosCi[u]dad[e].

3 Docente investigadora junto al PPG Humanidades, Derechos y otras Legitimidades – FFLCH y DIVERSITAS / USP. Investigadora Principal de HolosCi[u]dad[e].

4 Docente en la Universidad de Zaragoza, en el grado de Bellas Artes. Miembro de OAAEP y de HolosCi[u]dad[e].

tiempo en fragmentación, "ensamblaje de una multiplicidad de elementos heterogéneos de diferente naturaleza"⁵

DESIERTO/INUNDACIÓN (2023) es una producción artística promovida por HolosCi[u]dad[e] – Grupo Internacional e Interinstitucional de co-investigación y co-creación en Arte, Ciencia y Tecnología en Red – para reflexionar sobre el acelerado cambio climático a nivel mundial, teniendo en cuenta, los paisajes afectados en diferentes lugares del planeta, por causa de la ausencia o el exceso de agua (desierto/inundación). El agua sigue siendo el elemento y el dispositivo detonante, el centro de investigación procesual, de co-creación, de co-elaboración y de exploración multisensorial. Creemos que la crisis del cambio climático mundial está relacionada de forma inextricable con el agua, por calidad, carencia o exceso.

La crisis del agua, en "la era" del Antropoceno, representa uno de los mayores problemas planetarios, el calentamiento global es causa de crecientes desertificaciones y de inundaciones. A dichos fenómenos extremos, se le suman las implicaciones del uso de las tecnologías digitales que requieren enormes cantidades de agua para su enfriamiento. Cada vez que accedemos a las redes sociales, o la cuenta de correo electrónico o disfrutamos de un video por internet ¡estamos gastando agua! Según revelaron investigadores del Imperial College de Londres (Reino Unido) el año pasado (2023), estuvimos gastando hasta 200 litros de agua en la descarga de un sólo gigabyte (GB) de datos. Se estima que el consumo de agua es de unos 420.000 millones de litros al año para mitigar el calor que generan estas infraestructuras, lo que equivale a lo que gasta una ciudad de unos 8 millones de personas en ese mismo periodo de tiempo.

A partir de estas inquietudes, reflexionando acerca de y las manifestaciones de climas extremos– experimentadas aceleradamente en los últimos años –y decidimos explorar de forma sensible, en distintos lugares del mundo, unos paisajes extremos y en elevados procesos de transformación. Con base en las derivas sonoras y visuales, teniendo como eje de reflexión el tema DESIERTO/ INUNDACIÓN, el artículo presenta la experiencia sensorial individual, subjetiva, íntima que emerge del diálogo humano, en colectivo y en red, a partir del uso de nuevas tecnologías para el arte. El xenopaisaje⁶ se nos presenta como unos fragmentos y una invitación a escuchar lo que Bruno Latour denomina como el "grito de la tierra", esa llamada al poder de acción de las personas y las comunidades, con sus identidades, culturas, contextos y cosmovisiones. Es la reivindicación del ensamblaje a una propia "tecnodiversidad" (Yuk Hui) para los

5 Manuel de Landa cit. por Karla Judith Castillo Villapudua. Aproximaciones y caracterizaciones conceptuales a la Teoría del Ensamblaje de Manuel de Landa, Aitías. Revista de Estudios Filosóficos. Año 1, N° 2, Julio-diciembre 2021, pp 131- 152

6 Origen etimológica - *xeno*: extranjero, extraño, ajeno. *Xeropaisage*: paisaje extraña, mutante.

pequeños entornos, que logran movimiento de regeneración que posibilitan aún la supervivencia de los ecosistemas.

DESARROLLO

El proyecto-proceso DESIERTO-INUNDACIÓN⁷ se desarrolla a partir de encuentros virtuales durante varios meses en un workshop internacional de co-creación de narrativas sonoro-visuales OpenLab. Las inmersiones desarrolladas en OpenLab generaron diálogos a partir de los registros de imágenes y sonidos recogidos “en campo”, por veintiuno artistas/investigadores/as. El resultado dio lugar a una trilogía: DESIERTO/INUNDACIÓN (versión I⁸), DESIERTO/INUNDACIÓN (versión II⁹), e INVENTARIO o recuento de los registros que adquirieron un valor de conjunto, una vez más en la acepción de ensamblajes “multiplicidad de elementos heterogéneos de diferente naturaleza”.

El proyecto-proceso considera diferentes modalidades de interacción en remoto entre los participantes del workshop Desierto/Inundación. Incluye además un elemento disruptivo, en la dinámica de co-creación entablada en el grupo, la inteligencia artificial (IA¹⁰) que se sirve de algoritmos para generar imágenes a partir de palabras y/o una imagen. El dialogo se abre hacia una relación con lo inorgánico, lo tecnológico. La definición del concepto de la obra artística nace así del proceso, organizado por fases:

En la fase uno los actores son llamados por medio de un protocolo, a generar sus registros en una relación directa y sensible con el lugar, especialmente allí donde las evidencias empíricas revelan situaciones climáticas extremas e impactantes, en diferentes campos y ámbitos.

7 Artistas participantes –<https://www.espai214.org/holos/desiertoinundacion/>– Artistas Coordinadores participantes: Lilian Amaral - Comisariado y Coordinación General (Brasil); Bia Santos - Comisariado y Coordinación (España / Brasil); Marcos Umpiérrez - Desarrollo técnico (Uruguay); Liliana Fracasso - Coordinación General (Italia); Marina Buj - Paisaje sonoro (España); Ricardo dal Farra - Paisaje sonoro (Canadá / Argentina); José Prieto - Coordinación General (España); y, Vega Ruiz - Coordinación General (España). Artistas participantes: Laurita Ricardo de Salles (Brasil); Mirian Celeste Martins (Brasil); Suzete Venturelli (Brasil); Brenda Marques Pena (Brasil); Luis López Casero (Brasil); Paula Carolei (Brasil); Daniel Toso (España / Argentina); Matheus Montanari (Brasil); Ivan David (Brasil); Carina Flexor (Brasil); Fernando Palacios (Brasil); Luisa Fernanda Giraldo Murillo (Colombia); y, Karla Brunet (Brasil).

- 8** Corresponde a la etapa de experimentación y exploración multisensorial, que se ha integrado en la programación del XXII Festival Internacional de la Imagen, XENOPAISAJES, celebrado en Manizales y Bogotá, (Colombia) entre mayo y junio de 2023.
- 9** Corresponde a la etapa de generación de imágenes con IA (sirviéndose de imágenes + palabras + textos poéticos)
- 10** Inteligencia Artificial (IA) término acuñado en la primera conferencia sobre IA en la Universidad de Dartmouth (Massachusetts) organizada por John McCarthy en 1956.

En la fase dos los coordinadores reciben los registros de los actores y se organiza el database, que quedará accesible para todos como “materia prima” que compone la obra Desierto/Inundación, para crear sucesivamente producciones digitales en función de la vivencia y una narración in primis subjetiva.

Las obras parciales son producciones multimediales, que presentan una unidad estética, narrativa y semántica construida por un desarrollador, a partir de las contribuciones personales de cada actor, bajo la orientación del grupo coordinador se han producido individualmente y en unos subgrupos de trabajos.

Mashup	a) producciones digitales de 21 mashup creados a partir de la selección y composición (humana) de imágenes, voz, objetos o paisajes sonoros (autoría de cada actor) presentes en el database
Sonido	b) producción de dos piezas sonoras principales, estructurantes las narrativas visuales, compuesta (por humanos) a partir de voces, objetos y paisajes sonoros escogidos libremente del data base
Imagen	c) creación de imágenes generativas producidas con el uso de IA (no-humano) a partir de palabras clave y/o de una imagen libremente escogidas del database, ajustando parámetros y textos de prompt (humano)
Video	d) creación de video animaciones generadas con IA (no humano) a partir de palabras clave y/o una imagen libremente escogida del database, ajustando parámetros y textos de prompt (humano)

Tabla 1. Obras parciales de DESIERTO/INUNDACION.

Las obras parciales del punto d) suscitaron, por una parte, algunas decepciones estéticas y, por otra, dificultades técnicas de inclusión en el metaverso, por la limitación de la herramienta utilizadas para la creación del espacio virtual^[1]

11 Dichas limitaciones consisten también en la necesidad de utilizar, como en un videojuego, un avatar antropomórfico que se mueve en el metaverso marcado por cielo, tierra y horizonte. Este aspecto contradice el intento de aproximarse al tema con una mirada post-antropocéntrica en consideración de las relaciones multi-especie.

En la fase tres se resuelven, respectivamente, la composición espacial, el metaverso y la componente interactiva espectador-obra. Las obras parciales citadas anteriormente, producidas en la fase dos, toman forma y unidad narrativa y semántica global (con carácter trasmedia y crossmedia) dando así cumplimiento al tema de la obra Desierto/Inundación. En esta fase, las obras parciales en el espacio del metaverso son digitales “proyectadas” en las superficies internas de burbujas donde es posible entrar con el propio avatar además de transitar entre burbujas, escuchando una mezcla de sonidos sugerentes.

Matrices de análisis y espacio topológico

Uso de palabras clave, textos poéticos y poemas

Las palabras clave utilizadas en el proceso de co-creación nacen de 1) la descripción de las capturas de imágenes en campo, en una aproximación que podríamos definir empírica; 2) hipótesis, teorías, preguntas, mapas conceptuales o mentales de xeno-paisajes en formación, en una aproximación que podríamos definir conceptual; 3) palabras aleatorias que activan ideas (verbos vs representaciones), en una aproximación que podríamos definir exploratoria.

Tanto las palabras clave como las fotos tomadas en la salida de campo, contribuyen al prompt engineering para el generador de imágenes con AI. La generación de imágenes y video animaciones con el uso de AI busca en el proceso de co-elaboración artística, intencional y conscientemente, una visión “estereotipada” de desierto e inundación con la cual confrontarse, para estimular en el grupo un pensamiento crítico.

Las preguntas son ¿la cultura digital en la red cómo nos restituye de forma visual el concepto desierto inundación? De acuerdo con la sensibilidad subjetividad ¿Cómo puedo, y si puedo, a partir de palabras clave o fotografías tomadas en campo, matizar y dar forma generativa al concepto desiertoinundación? ¿Qué tipo de relación estética y substantiva se mantiene entre las imágenes reales tomadas en campo y las imágenes generadas? ¿Hasta qué punto y con qué recursos podemos ser creativos con los algoritmos?

El esquema de la fig. 1 ofrece un ejemplo de imágenes y palabras clave subjetivas, procuran expresar el focus de interés que, para el estudio específico, se sitúa en el tema de los bordes, los umbrales o puntos de bifurcación de sistemas territoriales especialmente influidos por los efectos del cambio climático global. De hecho, las imágenes proceden de la ciudad de Venecia, sensible a los cambios climáticos y el aumento del nivel del agua en la laguna. Sin entrar en el detalle, puesto que la situación ecosistémica de la laguna de Venecia nos alejaría de los argumentos de este escrito, la cuestión se expresa en una cadena de términos que en inglés forman un componente importante

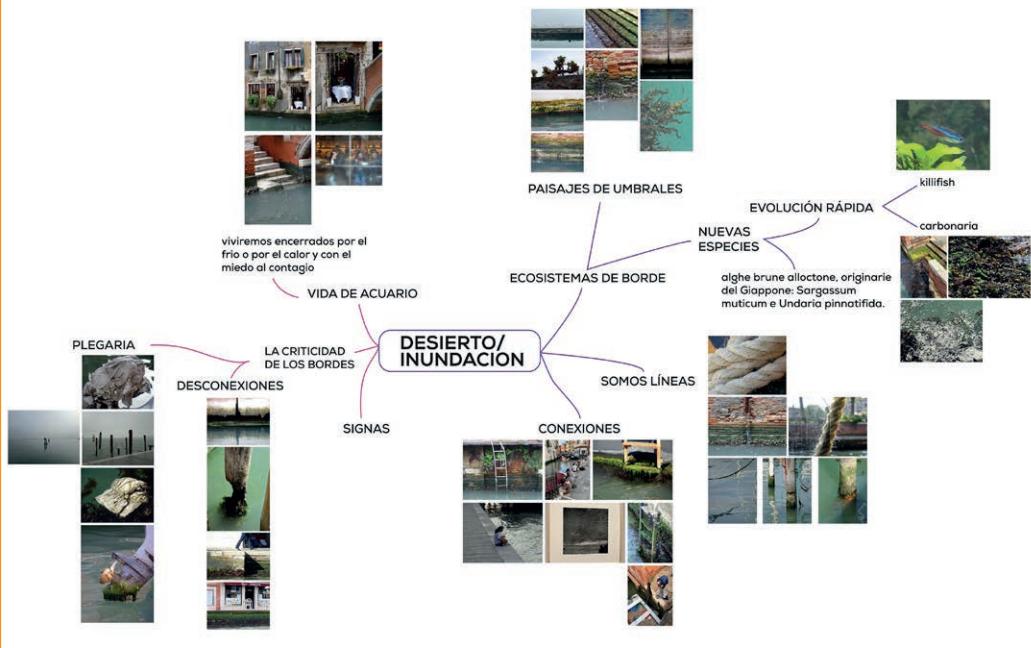


Fig. 1. Ejemplo de esquema de asociación de imágenes con palabras clave en una aproximación que articula lo empírico, lo conceptual y lo exploratorio. Fuente: L. Fracasso

del prompt, para dar forma una imagen generada con AI, de uso gratuito, cuyo resultado aparece de dudoso valor estético (fig. 1).

De manera independiente del proceso generativo con el uso de la AI las palabras clave de los investigadores- creadores ofrecen la dimensión semántica del concepto “desertioidnundación” en busca de definición. Si, por una parte, en el proceso de co-elaboración artística, el desarrollo conceptual se da con la extracción de significados a partir de palabras e imágenes, por otra parte, el desarrollo atmosférico afectivo se produce en la relación encarnada de los investigadores creadores con los lugares (reales y virtuales) situación que “pinta” sentimientos y emociones que se propagan a partir de la práctica artística. Miraremos más adelante en un cuadro sinóptico como la componente semántica aporta al concepto de la obra.



Fotografías e imágenes: de lo real al generativo de lo situado al metaverso

A diferencia de lo que se había sugerido, en primera instancia no todos los participantes resolvieron enviar registros de “trabajos de campo”. Más allá del contexto geográfico, los registros fotográficos a veces incluyeron ilustraciones, apropiacionismo, imágenes generadas con el ordenador. La dimensión contextual y situada quedó diluida, por una parte, intencionalmente, por el anonimato de los lugares geográficos de las fotografías y, por la otra, por la presencia (en menor cantidad) de ilustraciones, dibujos, pinturas, dibujos digitales o imágenes generadas por el ordenador. A excepción de estas últimas, en menor cantidad, con finalidades más didácticas -de denuncia o especialmente influidas por una intención estética- las fotografías dejan emergir sobre todo elementos

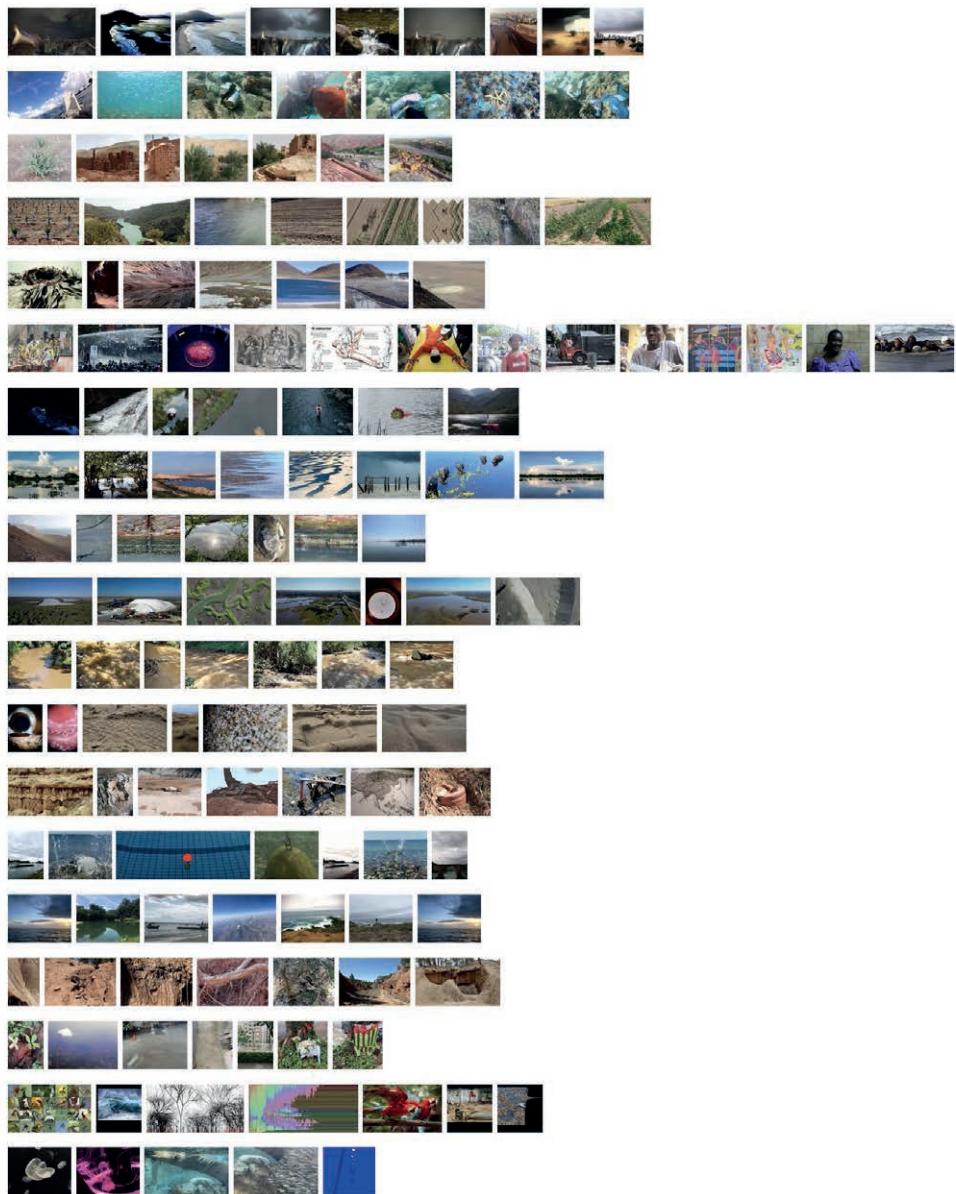


Fig. 2. El “todo construido”: ensamblajes 1. Fotos e imágenes de desierto/inundación
Fuente: L. Fracasso con base en los registros del proyecto.

territoriales y paisajísticos obtenidos con tomas de encuadre que oscilan entre gran plano general, planos medios y plano de detalle.

Los ángulos de los encuadres nos llevan sobre el agua o en el agua, en el borde entre mar y tierra, en el borde entre el río y la orilla, en el campo cultivado donde no hay agua, en el desierto, en la tierra de las casas hechas con el barro y abandonadas. En los pliegues de las narraciones visuales, observamos signos, indicios, rostros, desechos, basuras, sufrimiento, rituales de ofrendas al agua, a la naturaleza, a la vida perdida por la inundación, observamos la caída del mito, de la transformación, de la modernidad, de la post modernidad.

La Fig. 2 es un ensamblaje un todo construido por partes heterogéneas, imágenes-expresión de entidades producto de procesos históricos (cosmológica y evolutivamente hablando, y no solamente de la historia humana), que traspasan la división entre cultura y naturaleza o entre naturaleza y técnica, en una visión *cosmotécnica*.

Asumimos este todo de la Fig. 2 como la paráfrasis de la teoría de los ensamblajes, según la cual el todo no es ni uniforme, ni continuo y esto lo diferencia de un todo orgánico. Sus propiedades son emergentes y sintéticas, los enlaces y las componentes que forman esta unidad están lógicamente relacionados –una lógica construida entorno al concepto desierto/inundación–

ENTRE:	Deambular entre esferas en el metaverso, bajo un cielo de palabras que, de arriba hacia abajo, escribe como lluvia, ha de caminar bastante, he de correr para llevar a cada esfera, no percibo como están organizadas, solo busco y entro en las que están a mi alcance y corro, carro, carro, corro...
FUERA y en PROXIMIDAD de la esfera:	sobre la superficie de la esfera, un <i>mashup</i> de fotos. se desliza suave de arriba hacia abajo
DENTRO DE LA ESFERA:	las imágenes se deslizan de arriba hacia abajo, el <i>mashup</i> de sonido envuelve el avatar
DENTRO DE LA NUBE EN LA ESFERA:	veo la cabeza del avatar envuelta en una nube: es la "voz" del autor que lee su poema
ENTRE-ESFERAS:	en el espacio entre esferas puedo encontrar otros avatares, la interacción es casi inersistente, son cuerpos virtuales vacíos, solo puedo interactuar con voz y texto en el espacio del metaverso, allí me escucha y me contesta solamente quien está viviendo conmigo (o simultáneamente) el deambular en el metaverso.

Tabla 2. DESIERTO/INUNDACIÓN: emergencias formales y conceptuales.

Fuente: L. Fracasso

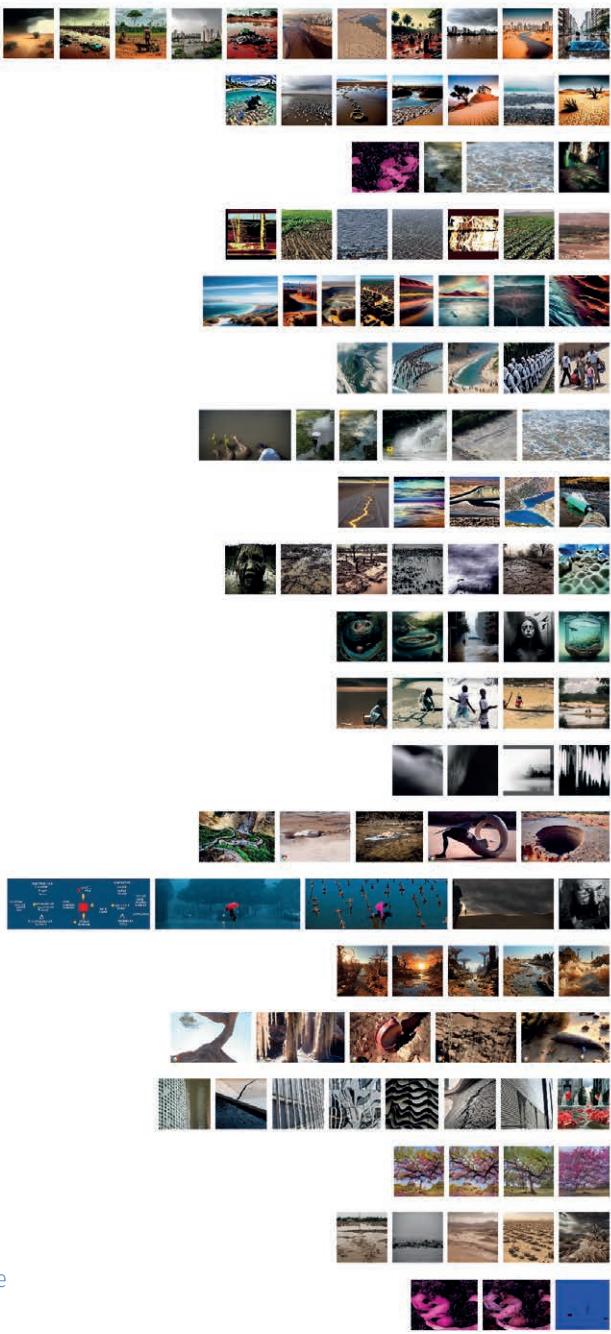
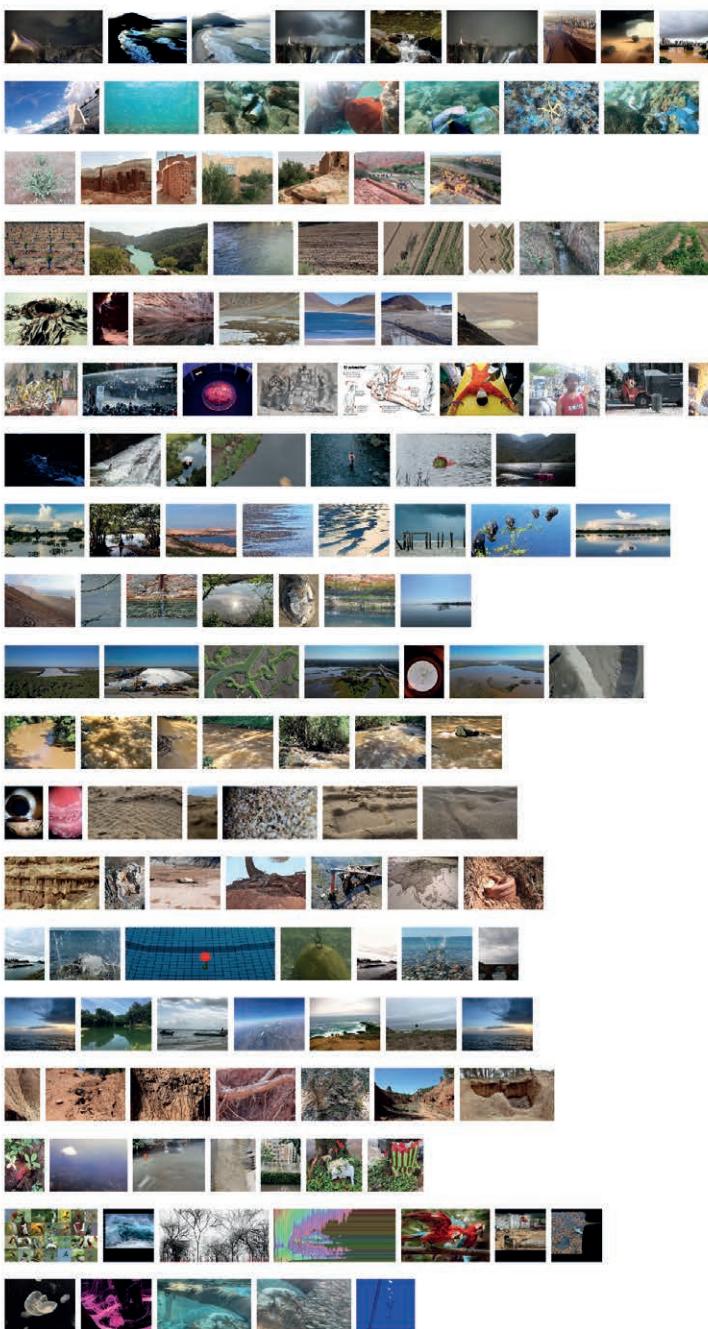


Fig. 3. El “todo construido”: ensamblajes 2. Fotos, imágenes e imágenes generativas de desierto/inundación Fuente: L. Fracasso con base en los registros del proyecto.



DIMENSIÓN SEMÁNTICA	DIMENSIÓN FÍSICA: imágenes denotativas connotativas	DIMENSIÓN RELACIONAL: d campo lógico en el que se expande el concepto	CONTEXTOS	COLORES PREDOMINANTES
Paisaje de aguaceros en la ciudad	Paisajes urbanos y de la costa	Estética de Atmosferas	Urbano y de costa	Gris
Naturaleza-cultura, especies naturales marinas, la basura del hombre	Paisajes submarinos	Superación de dicotomías cultura-naturaleza	Océano/mar	Azul, agua marina
Macro y micro paisajes de tierras áridas	Paisajes desérticos	Adaptación a climas extremos en espacios extremos (en contextos desérticos)	Ciudades en el desierto	Rojo, verde y amarillo
Patrones de cultivos de la tierra árida y nacimientos de agua	Paisaje agreste	Sistema de producción y obsolescencia	Campo/áreas agrícolas	Verde/marón
Paisajes entre lo real y el iper-real	Formas y geoformas	Agua rodeada de tierra	Lacustre y montañoso	Saturación
Paisaje sociocultural y político	Ilustraciones, apropiacionismo,	Imágenes de denuncia, retratos, resistencia, rituales y represión	Política, dimensión social del agua	Multicolor
Paisajes naturales con abundancias de agua fluvial	Toma picada, brillo y potencial del agua	Elementos rituales y miticos	Natural, majestuosos	Intenso
El mar y los paisajes naturales, con flora y fauna, débilmente antropizados.	Paisajismo	Contemplación, lo bello	Espectacular	Azul y verde
Micro y macro paisajes de borde, umbras con indicadores visuales de cambios ecosistémicos	Texturas, reflejos y campos homogéneos. visuales extensas	Paisajes de indicios, rastros e imágenes indirectas en ambiente lacustre	Paisajes liminales	Verde, azul, color tierra y ladrillo
Paisajes de la antropización	Microscópico, macroscópico, toma picada	Extractivismo, geografías y morfologías de la ocupación de los espacios	Paisaje multiescalar	Azul del cielo y micro neutro
Mismo paisaje: el borde de un río	Estática, dinámica, juegos de sombras	Agua y vegetación coexistencia	Paisajes de orillas	Amarillo y verde
Coherencia e incoherencia de la materia, geometrías y formas orgánicas	Texturas y patrones detalles	Formas	Materia incoherente, arena	Arenas y detalles
Lugar geográfico, antropológicos con rastros de culturas en abandono	Geometrías y geografías del barro y de la tierra seca	Elementos incrustados en la tierra, en el barro	Desierto aguerales aragonesa	Tierra seca y barro
Elementos y paisajes acuáticos	Agua y hombre	Densidad de formas y contenidos, pesado	Impactos	Azul, gris, verde
Paisajes naturales	Imagen picada, abierta, espontanea	Salvaje, maestoso	Costa	Extensión de cielo, mar y costa
Paisaje de las grietas, tierra seca y fracturada	Primer plano y medio plano	Sin agua	Áspero	Tierra seca amarillenta o sin color
Inundación áreas urbanas, arboles urbanos	Simbólico	Conmemoración, indicios	Significativo	Verde, gris, rojo
Paisaje digital	Creación digital	Imágenes expresivas modificadas	Evocativo, experimental	Colorido/hiperreal

Tabla 3. DESERTO/INUNDACIÓN: emergencias formales y conceptuales.

Fuente: L. Fracasso

que posee una potencialidad hermenéutica intrínseca parecida al Atlante Mnemosyne de Aby Warburg (Centanni, 2022).

“La cosmotecnica expresa la unificación del orden cósmico y el orden moral a través de las actividades técnicas ... El concepto de cosmotecnica nos ofrece inmediatamente una herramienta conceptual para superar la oposición convencional entre técnica y naturaleza, y comprender que la tarea de la filosofía es buscar y afirmar la unidad orgánica de ambas” (Yuk Hui, 2016, libre traducción de la versión en italiano).

Poética

Los XENOPAISAJES de DESIERTO/INUNDACIÓN son “Gritos amargos” (Capel, 2001; Latour, 2012) sobre el planeta. Los registros visuales y sonoros que capturan de forma subjetiva y sensible las evidencias empíricas asociadas al tema del cambio climático global y el Antropoceno – nos hablan de eventos extremos en los elementos de la naturaleza, sobre todo el agua, el fuego, la tierra, el aire, el hombre. Con el lenguaje del arte, los registros visuales y sonoros traen consigo la posibilidad de discurrir acerca del dinamismo y la aceleración de los fenómenos que afectan lugares próximos, específicos, íntimos, comunitarios, afectivos y significativos para cada uno, sin perder las implícitas dimensiones globales.

Con una mirada glocal (global y local al mismo tiempo), que el grupo ha adoptado, se genera el discurso no- hegemónico acerca de las vivencias y las amenazas que se vive en los varios países de procedencia (Brasil, Colombia, España, Italia, Uruguay, Canadá, Argentina) y se lanza un “grito amargo” sobre el planeta. Las percepciones subjetivas acerca de los diferentes gradientes del cambio climático, entre dos extremos “desierto” e “inundación”, representan una forma de saber supuestamente situado, que configura en su conjunto un mapa de los acontecimientos en el cual, sin embargo, la geolocalización pierde (o cambia de) sentido.

Explotar las burbujas

Los XENOPAISAJES emergen del proceso de interacción e iteración, entre subjetividades y objetivaciones estético- cognitivas que se llevan a cabo precisamente más allá de la encrucijada de los recorridos y más bien en los umbrales de las representaciones y en las composiciones sonoras. Corriendo desde una burbuja a la otra se entrelaza la acción discursiva no-hegemónica y se conecta lo emergente. De esta forma cada burbuja “explota” y la subjetividad desborda en la multiplicidad de temas, casos, historias, lugares, vivencias y relaciones intersubjetivas. Este movimiento es el que propone la obra y que se ofrece al visitante:

- la posibilidad de vivir una experiencia inmersiva, diferente en cada punto (o burbuja) dependiendo de quien es el autor de los registros y del mashup foto-audio, texto poético, imágenes generadas con IA, paisajes sonoros sintiendo, al mismo tiempo, que lo que ocurre entre una burbuja y la otra es igualmente relevante;
- la posibilidad de vivir una experiencia interactiva: las obras parciales se vuelven a abrir en un juego de palabras clave e imágenes, que se trasforman en lluvia, que cae sobre los XENOPAISAJES, mezclándose a las voces, a los sonidos y al “grito amargo” sobre el planeta.

Organismo vivo contra necrosis

Desierto/Inundación es una propuesta artística inmersiva e interactiva que, coherentemente con la naturaleza del colectivo de investigación HolosCi(u)dad(e), se manifiesta de manera diferente dependiendo del uso de los registros y de las obras parciales y de su producción. La obra Desierto/Inundación ofrece múltiples modalidades de fruición: videoinstalación, realidad virtual, obra interactiva, videoconferencia, afiche, entre otras que completan y complementan la experiencia, la poética y la comunicación del Antropoceno y de sus matices en las diferentes latitudes del mundo. Lo anterior consagra una postura crítica y cuestiona el saber “situado” –cuando designa la certeza-de-lo-propio (o auto certeza)– que se pone en entredicho y se trastoca con el uso de IA (¿qué es lo propio y qué es lo ajeno? ¿qué es real y qué es virtual ¿qué es verdadero y qué es falso?) quedando capturado en los paisajes sonoros expresión de nuestra dis-loca-acción planetaria. La Babel de las palabras y de las visiones del mundo es lo utópico y lo distópico, lo humano y lo no-humano, lo obvio y lo difícil, lo banal y lo profundo, que se entrelazan restituyendo en internet el reflejo de una cultura digital, que produce a sí misma a partir de sí misma, hasta el límite extremo de hablar una lengua muerta (la del chatGPT) y de mirar sin ver, que hay imágenes sin imaginación, producidas por modelos generativos.

La IA se presenta como una realidad disruptiva que evoluciona rápidamente día tras día que restituye ilustraciones, casi caricaturescas, prevalentemente distópicas, con escasos resultados de imágenes abstractas o de baja calidad estética y substantiva. No obstante, la exploración merece una analítica dentro de la cultura digital, ya que abre una cuestión muy compleja que, más allá de los problemas puntuales de nuestra experiencia visual en el metaverso de Desierto Inundación, plantea asuntos coyunturales y estructurales más graves, que le pertenecen a un sistema mundo en crisis global y que, tristemente, trivializa su condición.

CONCLUSIÓN

Los espacios trabajados en la propuesta artística DESIERTO/INUNDACIÓN comparten lugares físicos (reales) y virtuales. A partir de este espacio virtual de producción, la obra pasa a ocupar un lugar de presentación y fruición en la red. El espacio del Metaverso está alojado en la plataforma gratuita spatial.io, un espacio virtual de interacción mundial fundado en 2016. Ubicar DESIERTO/INUNDACIÓN concebida como una obra activista en una plataforma gratuita de interacción mundial, significa permitir que en este espacio común la vida offline se extienda online, llevando un mensaje poético y crítico allí donde, en general hay simple entretenimiento. Se ha construido un espacio personalizado e intersubjetivo a través de Unity, en el cual “el avatar funciona como la presencia digital del cuerpo y la arquitectura, como un espacio de convergencia entre lugares físicos y lugares digitales” (Ríos-Llamas, 2022). El espacio alojado en la página web openlab.space , está realizado a partir de las imágenes desarrolladas por IA, que genera un ambiente interactivo pre establecido activado por puntos calientes que van surgiendo a partir de las palabras clave que a su vez activan los sonidos y las narrativas poéticas desarrolladas y vocalizadas por los artistas. Este espacio diseñado en formato web-art fue programado para que el espectador/interactor pueda vivir una experiencia de inmersión activando los sentidos a partir de imágenes y sonidos que se mezclan en una única composición en la cual es posible interferir en la secuencia sonora generando nuevas combinaciones sonorovisuales.

La primera presentación pública y conferencia de DESIERTO/INUNDACIÓN se impartió en la apertura del Festival Internacional de la Imagen –XENOPAISAJES– en Manizales (Colombia, 29 de mayo de 2023), presentando la versión inicial del proyecto (en el metaverso) para participación de la exposición MediaArt.

Sucesivamente, la segunda versión de Desierto/Inundación (el interactivo performativo), se presentó en el auditorio del Museu Nacional da República, en Brasília (Brasil, 22 de septiembre, 2023). Cabe destacar que la primera versión del proyecto (metaverso) participó también a la exhibición #15 EmMeio, en la galería del Museo –en este caso la activación de la obra se dio por medio del QRCode incluido en el banner de la obra– integrando #22 ART Encuentro Internacional de Arte y Tecnología organizado por el MediaLab de la Universidade Federal de Brasília e Universidade Federal de Goiás.

Posteriormente, DESIERTO/INUNDACIÓN se presentó en Sala de Exposiciones del Vicerrectorado del Campus de Teruel de la Universidad de Zaragoza (España, 14 de marzo /12 de abril de 2024), la trilogía completa: DESIERTO / INUNDACIÓN I, II, INVENTARIO, compuesta por las 21 narrativas sonoro-visuales y textuales, ofreciendo a los visitantes de la obra un ambiente de experimenta-

ción y exploración multisensorial. El espacio físico de instalación estaba compuesto por la proyección del espacio virtual del metaverso (I), pantallas que reproducían el interactivo (II), paneles impresos del INVENTARIO acompañado de mini-pantallas que reproducían los archivos de imágenes. Los visitantes de la exposición fueron un total de 421 personas, entre estudiantes de Bellas Artes, de otras titulaciones, como ingeniería de informática, funcionario del campus y visitantes externos.

Recientemente, DESIERTO/INUNDACIÓN ha participado de la muestra audiovisual ECOARTE::TERRA EMTRÂNSITO¹², juntamente con obras sonoro visuales de artistas de distintos lugares del mundo, en el Cineclub de la Oficina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo (Brasil, 2 - 27 abril de 2024) ofreciendo, un espacio de inmersión y reflexión colectiva donde convergen distintas percepciones acerca de la potencia del arte para sensibilizar y movilizar la conciencia crítica inherentes las imbricaciones entre el humano, la tecnodiversidad y la naturaleza.

REFERENCIAS

- Capel, H. (2001). Gritos amargos sobre la ciudad. En H. Capel, Dibujar el mundo (p.115-147). Ediciones del Serbal.
- Castillo Villapudua, K.Y. (2021). Aproximaciones y caracterizaciones conceptuales a la Teoría del Ensamblaje de Manuel de Landa. Aitías. Revista de Estudios Filosóficos, 1(2), 131-152.
- Centanni, M. (2022). Warburg e il pensiero vivente. Enagrammasaggi.
- Delanda, M. (2021). Teoría de los ensamblajes y complejidad social. Tinta Limón. Traducción de Carlos de Landa Acosta.
- Hui, Y. (2020). Tecnodiversidade. Ubu Editora.
- Latour, B. (2012). Esperando a Gaia. Componer el mundo común mediante las artes y la política. Cuadernos de Otra Parte, Revista de Letras y Artes, núm. 26, 67. Recuperado el 15 de diciembre de 2023:

¹² ECOARTE::TERRA EM TRÂNSITO, muestra sonoro-visual, comisariada por Lilian Amaral como acto de resistência cultural contra la política cultural y ambiental del gobierno de la provincia de São Paulo que en el dia 31 de abril de 2024 ha cerrado definitivamente las actividades de las Oficinas (Talleres) Culturales de São Paulo - una política pública gratuita y de calidad, accesible, con más de 38 años de desarrollo en la formación artístico-cultural - y que de forma truculenta e impuesta por este gobierno de la extrema derecha, amenaza y subtrae los derechos sociales, el conocimiento científico y cultural - https://www.instagram.com/amaral_arte/reel/C5a8DjyLjf5/

- <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/124-GAIA-SPEAP- SPANISHpdf.pdf>
- Machado, A. (2007). *El sujeto en la pantalla*. Ediciones Paido.
- Ríos-Llamas, C. (2022). Habitar el metaverso mediante la continuidad del cuerpo/avatar en lugares virtuales. *Communication Papers – Media Literacy & Gender Studies*, 11(23).
- Yuk, H. (2016). Cosmo, Cosmologia e Cosmotecnica (traduzione di Sara Baranzoni). *La deleuziana – Rivista online di filosofia*, no 4. Geopotere: una strato-analisi dell'antropocene (disponibile on line https://www.academia.edu/33795865/Cosmo_Cosmologia_e_Cosmotecnica)

Arte y Activismo en la Era del Cambio Climático. Reflexiones desde Teruel sobre la Crisis Ambiental

Francisco Javier Galán Pérez¹

Entre el 14 de marzo y el 12 de abril de 2024, la Sala de Exposiciones del Edificio del Vicerrectorado del Campus de Teruel de la Universidad de Zaragoza fue escenario de la exhibición “Desierto/Inundación”, un proyecto activista y artístico interdisciplinar que abordaba la crisis climática global. Esta muestra, que formaría también parte del VI Congreso Internacional de Investigación en Artes Visuales ANIAV 2024, que ha destacado por su fórmula inmersiva, involucrando al/la visitante en una experiencia multisensorial a través del metaverso y otros entornos digitales.

El proyecto “Desierto/Inundación”, desarrollado por el colectivo internacional e interinstitucional de co-investigación y co-creación en arte, ciencia y tecnología HolosCi(u)dad(e), reunía a más de 21 artistas e investigadores de diversos países (Brasil + Colombia + España + Uruguay + Italia + Argentina + Canadá) para reflexionar sobre los efectos del cambio climático a través de la creación de narrativas sonoras, visuales y textuales. Centrados en el agua como elemento central, se exploraron dos fenómenos extremos: la desertificación y las inundaciones, ambos síntomas directos del calentamiento global. Utilizando Inteligencia Artificial Generativa (IA), el proyecto dio vida a paisajes poéticos interactivos que reflejan el deterioro ambiental y sus consecuencias devastadoras. La exposición en Teruel incluyó una trilogía de obras: “Desierto/Inundación I”, “Desierto/Inundación II” e “Inventario”, en las que se des-

¹ Profesor Ayudante Doctor en el Grado de Bellas Artes de la Universidad de Zaragoza. Investigador del Observatorio Aragonés de Arte en la Esfera Pública y del IPH (Universidad de Zaragoza).



Fig. 1. Panorámica de DESIERTO/INUNDACIÓN (versión I, II e inventario) Sala exposiciones de Vicerrectorado del Campus de Teruel. Universidad de Zaragoza.
Fuente: José Prieto



Fig. 2. Captura de pantalla: Fuente: HolosCi(u)dad(e) | Desierto/Inundación.
Creación: Bia Santos



Fig. 3. Panorámica de DESIERTO/INUNDACIÓN (versión I, II e inventario) Sala exposiciones de Vicerrectorado del Campus de Teruel. Universidad de Zaragoza.
Fuente: Bia Santos

plegaron las 21 narrativas que se habían elaborado. Estas obras invitaban a transitar por burbujas virtuales, las cuales combinaban imágenes generadas con inteligencia artificial y paisajes sonoros para crear una atmósfera de total inmersión. Este formato expositivo permitía no solo contemplar, sino que también interactuar con los contenidos, abriendo un espacio para la reflexión sobre las implicaciones del cambio climático en la ecología.

Así, la propuesta también suscita una mirada crítica sobre el uso de las nuevas tecnologías en el arte. Aunque el metaverso ofrece una plataforma innovadora para la experimentación, la brusca aparición de la inteligencia artificial plantea desafíos estéticos y conceptuales. Las imágenes generadas por IA, a menudo estereotipadas según valores prefijados, contrastan con las complejas realidades climáticas que quieren representar. Esta tensión entre lo digital y lo real, entre lo poético y lo tecnológico, se percibe en algunos aspectos de la muestra, donde la estética post-antropocéntrica propuesta es la predominante. Llama la atención cómo este tipo de proyectos que buscan conectar el arte con el activismo ecológico se examinan también en el contexto de las críticas de la Asociación Aragonesa de Críticos de Arte (AAC). En su revista de diciembre de 2023, varios críticos plantean dudas sobre la efectividad real del arte contemporáneo para movilizar a la sociedad frente a problemas como el cambio climático. Mientras que exposiciones como "Desierto/Inundación" ofrecen experiencias inmersivas y sensoriales, existe un debate sobre

si estos proyectos logran generar un impacto más allá del entorno artístico, especialmente cuando la audiencia general se encuentra desconectada de los lenguajes estéticos y tecnológicos más avanzados. Estas cuestiones no pasan desapercibidas en el colectivo de artistas de la exposición, por lo que la exposición en Teruel no solo ofreció una ventana a la crisis ambiental, sino que también invitó a los espectadores a reflexionar sobre el papel del arte en tiempos de crisis global. Dentro de la conciencia de las acotaciones tecnológicas y estéticas, "Desierto/Inundación" presentó una propuesta valiente y necesaria en la que lo digital y lo real convergen para poner de manifiesto los problemas de nuestra era. La pregunta que queda abierta es hasta qué punto estas manifestaciones artísticas pueden, efectivamente, trascender los límites de la galería y contribuir a un cambio tangible en la conciencia y en las acciones sobre el cambio climático. Algo sobre lo que merece la pena reflexionar, eso sí, evitando caer en la inacción artística sino todo lo contrario.

El interés por la naturaleza y los problemas ambientales no es nuevo en las artes visuales. Desde la década de los años 60 y 70, el arte ha buscado

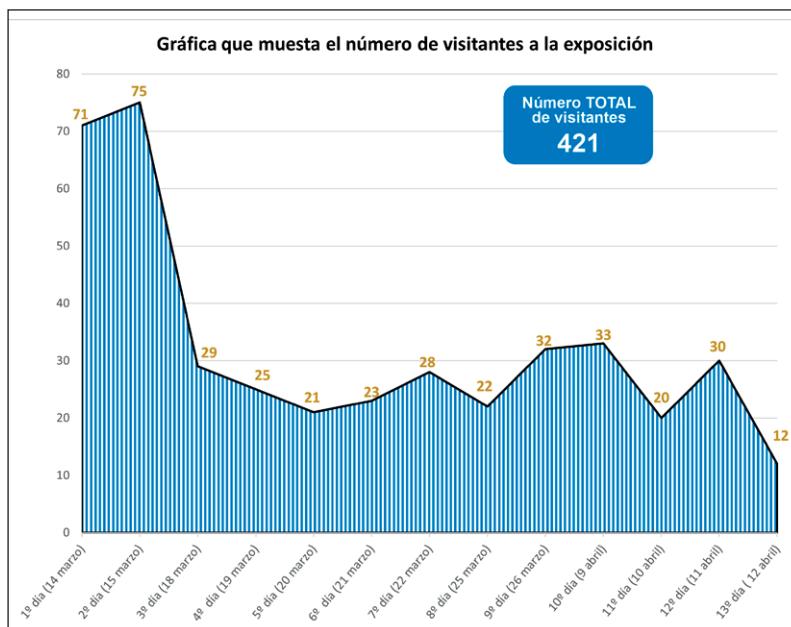


Fig. 4. Gráfico del número de visitantes a la exposición DESIERTO/INUNDACIÓN en la sala de exposiciones del Vicerrectorado del campus de Teruel de la Universidad de Zaragoza.



Imagen generada por Inteligencia Artificial Runway (<https://runwayml.com>) partiendo de fotografías del parque de las ardillas Teruel, verano de 2023.

Fuente: HolosCi(u)dad(e) | Desierto/Inundación. Creación: José Prieto.

explorar la relación entre el ser humano y su entorno natural, en un momento en que emergen movimientos como el Land Art y el Arte Ecológico. Artistas como Robert Smithson, con su icónica obra Spiral Jetty (1970), y Richard Long, con sus caminatas y registros en la naturaleza, comenzaron a situar el paisaje y la intervención sobre el medio natural en el centro de sus trabajos. Este movimiento puso el foco en cómo el ser humano altera y modifica su entorno, y cómo la naturaleza puede ser tanto el escenario como el material de la obra de arte. En la actualidad, el cambio climático ha pasado a ocupar un lugar central en el discurso artístico, donde la naturaleza y el entorno ya no se perciben solo como inspiración o escenario, sino como sujetos afectados por la actividad humana. El enfoque contemporáneo sigue la línea del Antropoceno, que sitúa al ser humano como la principal fuerza transformadora de la Tierra. Los proyectos artísticos como "Desierto/Inundación" buscan no solo representar esta problemática, sino también movilizar a la audiencia, colocando a la persona en el centro de la experiencia artística.

El uso del metaverso y las tecnologías interactivas de este proyecto plantea además una paradoja interesante: si bien se trata de herramientas tecnológicas avanzadas, que requieren grandes cantidades de recursos na-

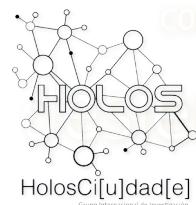
turales para funcionar (como el agua para enfriar los servidores que sostienen las infraestructuras digitales), el proyecto intenta sensibilizar sobre los mismos problemas que esas tecnologías contribuyen a exacerbar. Esto refleja una tensión inherente en las artes contemporáneas que abordan el cambio climático: la necesidad de cuestionar no solo los efectos de nuestras acciones sobre la naturaleza, sino también las propias herramientas con las que intentamos generar conciencia. El arte que aborda el cambio climático, desde las primeras obras del Land Art hasta los proyectos digitales contemporáneos como “Desierto/Inundación”, busca colocar a quien mira en el centro de la reflexión. Ya no se trata solo de contemplar la naturaleza, sino de reconocer el papel activo que cada uno de nosotros tiene en la transformación del planeta, e idealmente, en la mitigación de la crisis climática.

Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia,
Goiânia-GO, Brasil.
CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>

CEGRAF UFG

REVISÃO, EDIÇÃO
E IMPRESSÃO





Observatorio Aragonés
de Arte en la Esfera Pública

Grupo OAAEP, financiado por el Gobierno de Aragón con fondos FEDER



Cofinanciado por
la Unión Europea



Departamento de Educación,
Ciencia y Universidades

Programa Fondo Europeo de Desarrollo Regional Aragón 2021-2027
Construyendo Europa desde Aragón

ARXIU
VIU



Instituto de Patrimonio
y Humanidades
Universidad Zaragoza



Vicerrectorado para
el Campus de Teruel
Universidad Zaragoza



Lab_arT
Universidad Zaragoza



Unidad predepartamental
de Bellas Artes
Universidad Zaragoza

CEGRAF UFG

REVISÃO, EDIÇÃO
E IMPRESSÃO



Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia,
Goiânia-GO, Brasil.
CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>